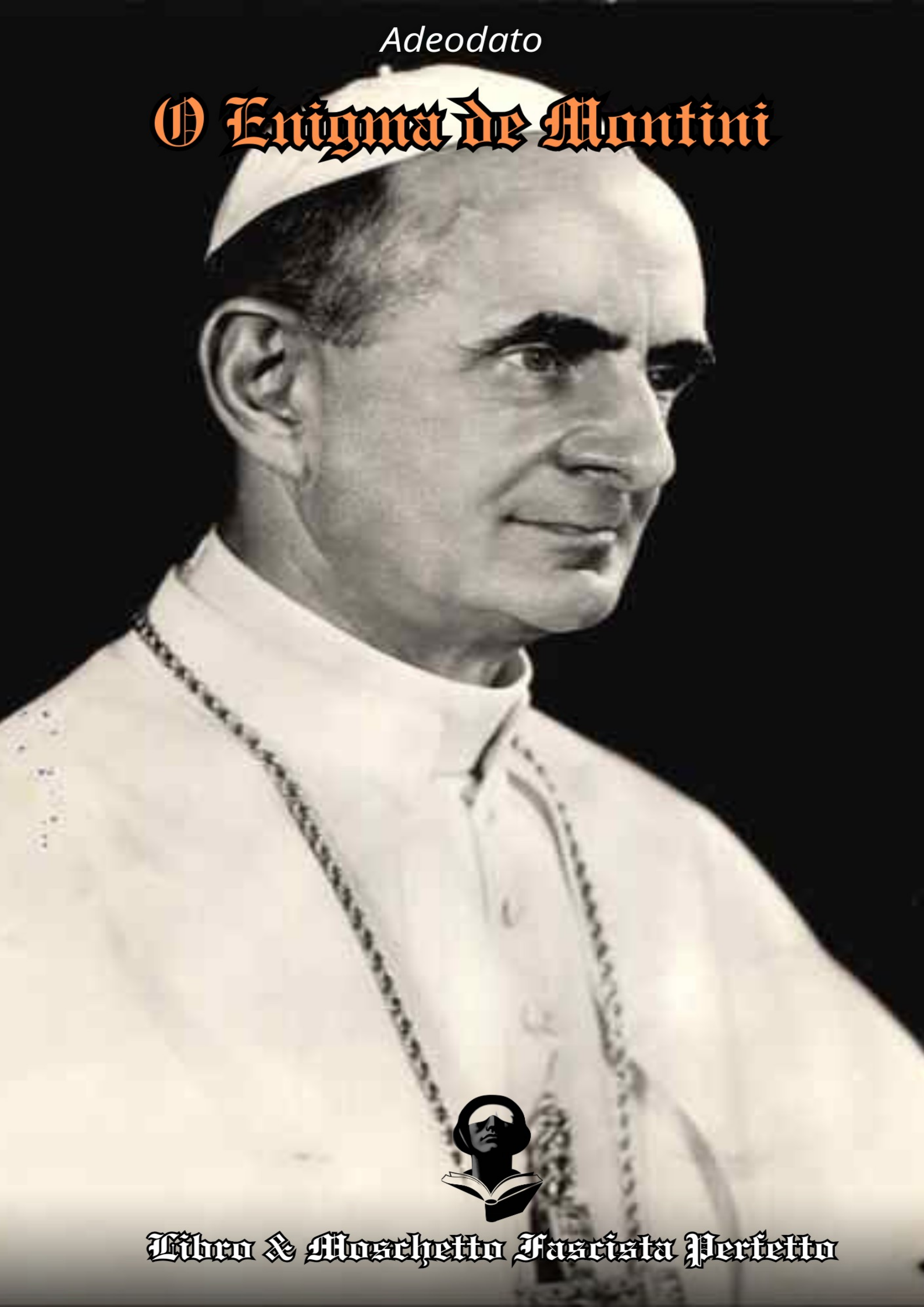
Adeodato

O Enigma de Montini



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Adeodato

O Enigma de Montini

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Nos dias de Noé será como nos dias do Filho do Homem… não entenderam nada até que o Dilúvio levou a todos. Assim será também nos dias da vinda do Filho do Homem (Mt. 24, 37-39)

… dizeis: fará bom tempo porque o céu está vermelho… hipócritas, contudo não sabeis distinguir os sinais dos tempos. Geração má e adúltera! (Mt. 16, 2-4)

O dossiê que apresento não é apenas escabroso, mas terrível. Não é recomendável para almas de fibra sensível. Fica o aviso para aqueles que não queiram perder a paz (falsa) da sua consciência e um saudável conforto espiritual. A interpelação que este escrito pode lhes causar ameaça tanto uma quanto o outro.

Parafraseando Cervantes, que sentenciou que na humanidade existem apenas duas únicas linhagens que se encontram em guerra contínua: os "tingir" e os "não tingir"; eu reduzirei os católicos atuais a dois linajes: os que querem ver e os que não querem ver. Ambas linhagens também se encontram em guerra interminável, como o demonstram os acontecimentos recentes sobre tentativas de ralliement e conversas de cariz espúrio. Tampouco é segredo a guerra em que se encontram, dentro e fora da "cidadela", o mosaico de cifras e enquadramentos de católicos. No fundo, tudo se reduz a querer ver ou a não querer ver.

Os que não querem ver padecem, no fundo, da enfermidade de não querer perder seu status, condição, respeitabilidade, cargos… dinheiro e poder, em suma. Eles querem ter agora a terra e, depois, o céu. Tudo ao mesmo tempo. Mas a eles é dirigida a sentença do Senhor: "Geração má e adúltera!". E também: "Não distinguis os sinais dos tempos". Seria perigoso sabê-lo e até muito comprometedor. Daí as passagens bíblicas que encabeçam este dossiê.

Permito-me esta breve introdução como entrada do prato forte, principal, substancioso, do dossiê que o leitor tem à sua disposição.

A publicação deste dossiê coincide com a anunciada beatificação de Paulo VI. Completa muitas coisas e fornece detalhes do que foi dito neste blog, em posts agrupados na categoria Paulo VI. Em particular, completa o que foi dito no post que traduz o capítulo 19 do livro de Randy Engel *El rito de la Sodomía*.

Antes de publicar este post, perguntei-me: 1º se se está seguro da verdade do que nele se sustenta; 2º se, sendo assim, é justo publicá-lo. Nem toda verdade pode ser dita.

Antes de tudo, é preciso dizer que a concorrência de testemunhos — muitos de pessoas honoráveis, das quais não há por que duvidar — e a

consonância com o que já é conhecido tornam impossível duvidar da veracidade do que foi dito. A maior evidência está em que isso funciona como uma peça que resolve um quebra-cabeça, pois responde à pergunta do "porquê" de se terem feito tantas coisas que nunca deveriam ter sido feitas.

Quanto ao segundo ponto, responde-se perguntando se acaso não é um dever de todo cristão defender e lutar pela Verdadeira Igreja de Jesus Cristo, buscando a sua restauração, o Reinado de Cristo no mundo, a salvação de muitas almas seriamente comprometida com o estado atual das coisas. Pois, se é um dever, com quanto mais razão se deve responder que é justo publicar aquilo que já é de domínio público no campo da investigação histórica, mas que está oculto à maior parte dos católicos.

O processo de beatificação que se anuncia é algo inacreditável, de um cinismo estarrecedor. Mas corresponde à lógica dos fatos. No momento atual de incerteza em relação à missa do Novus Ordo, do Concílio Vaticano II e dos Ritos conciliares, não há melhor jogada do que canonizar as três coisas de uma só vez, procedendo à beatificação de seu autor. E, de quebra, dá-se um empurrãozinho à anunciada Nova Evangelização. É algo lógico proceder à beatificação e eu diria que é algo absolutamente "necessário", no momento atual.

Muitos, de muita boa fé e talvez agindo com prudência, não têm por que concordar com muitas deduções e expressões do seu autor – que mostra uma grande perspicácia. Mas mesmo assim, a leitura do dossiê, abstraindo-se do que se considere injusto ou equivocado, pode ser benéfica e pode abrir os olhos daqueles que vivem em uma Arcádia feliz, na qual não faltam concentrações juvenis, fogos de artifício, impulsos de evangelização, teologias que explicam tudo e resolvem contradições com o passado e até com a Tradição e a Escritura.

Depois desta introdução – que não foi tão breve como prometi – convido os leitores a passar ao prato substancial. Oxalá muitos colaborassem assumindo esta publicação, fazendo o que eu creio indispensável, para paralisar o que se nos vem por cima!

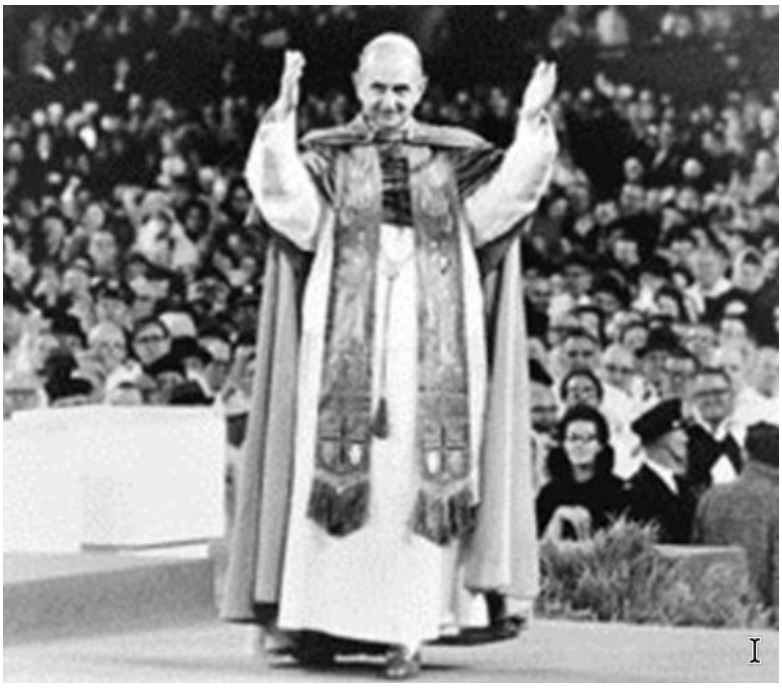
O dossiê está publicado com o título de *El enigma de Montini*, escrito por Adeodato.

Nota: As fotografias são fornecidas pelo autor, ainda que intercaladas segundo o meu parecer. As legendas das fotos também são do autor. Respeitei a pontuação e a tipografia do autor.

Sumário

Introdução.....7
II. Os “Místérios” de Giovanni Battista Montini.....13
ADDENDUM – MONUMENTOS MAÇÔNICOS E SATÂNICOS DEDICADOS A P6.....49

Introdução



A figura evasiva de G.B. Montini foi abordada de vários ângulos com resultados diversos, embora sempre tenha havido um elemento comum em todas as tentativas realizadas de penetrar a personalidade e as motivações deste personagem verdadeiramente sinistro e nefasto para a Igreja Católica: o mistério. Dir-se-ia que a mera menção do nome de Montini é quase equivalente aos substantivos “mistério”, “segredo”, “enigma”, etc.

E tal equivalência é mais do que merecida, porque ninguém que tenha o mínimo de senso comum e também de estima pela verdadeira Fé e pela Igreja pode deixar de reconhecer que as insólitas e aberrantes transformações gestadas por esse indivíduo perverso durante seu “reinado de terror” no qual usurpou o Papado (de 1963 a 1978), e as confirmações subsequentes por seus sequazes Luciani, Wojtyla e Ratzinger, ninguém, digo, pode negar a flagrante evidência de que tantas mudanças, tantas novidades, tanta desorientação diabólica, em suma, tudo isso tem uma origem comum e um mesmo fim pérfido: destronar Nosso Senhor Jesus Cristo de Sua Realeza sobre todas as nações para dar o poder ao Anticristo, e assim eclipsar Nossa Santa Mãe a Igreja Católica para oferecer ao Filho da Perdição uma iníqua e pestilenta seita a partir da qual ele estabelecerá sua cátedra de insolentes blasfêmias e mentiras com as quais seduzirá e aniquilará as almas daqueles que não amaram e rejeitaram Nosso Senhor

Jesus Cristo e Seu Corpo Místico, mas se entregaram e deram ouvidos, em vez disso, ao falso espírito do mundo e aos seus enganadores pregadores.

Montini realizou muito bem a missão que lhe fora encomendada, sem dúvida. Ele foi o candidato perfeito, o menino mimado da Maçonaria e das sociedades secretas para se infiltrar na Rocha de Pedro e destruí-la (se é que isso fosse possível, o que não é, porque Nosso Senhor nos prometeu que as portas do inferno nunca prevaleceriam contra Ela) por meio da obediência. Era preciso que os poderes ocultos que manejam este mundo e que conspiram desde a noite dos tempos para tomar o controle do mesmo se introduzissem até o mais alto da Igreja, até a Cabeça da mesma, o Papado, para colocar nesse lugar o seu candidato, seu homem encarregado de preparar o caminho para aquele que há de vir não no Santo Nome do Pai Eterno, mas no seu próprio, e que ousará proclamar-se "deus" e "salvador" do mundo. E esse homem tão desejado pelos filhos das trevas era G.B. Montini. Ele havia sido iniciado e preparado desde muito pequeno na tão suja e ignóbil missão de trair a Cristo e Sua Igreja. Ele foi quem teve a audácia diabólica de fazer proclamar seu engendro pessoal, sua própria criatura surgida das profundezas de Satanás, que é a seita conciliar gestada no VII, o maldito "Non serviam" que já proclamara o pai da mentira na corte celestial diante de Deus Pai Todo-Poderoso e que lhe valeu a expulsão do Céu e a condenação ao fogo eterno. Mas além disso, Montini realizou o impensável, a maior fraude jamais perpetrada sob os céus: ele se atreveu a suplantar e eclipsar Nossa Santa Mãe a Igreja, e em seu lugar fabricou e deu à luz um espantoso engendro que se faz passar até hoje aos olhos do mundo pela Esposa Mística de Nosso Senhor. Que enorme crime, meu Deus! Só pensar nisso me espanta e me sobrecoge. Como se pode ofender assim a Deus Nosso Senhor? Tudo isto é, na verdade, demoníaco e perverso.

Obviamente, para levar a cabo tão titânica e pérfida empresa, era necessário encontrar o candidato ideal, essa pessoa especial que estivesse à frente de todo o entrelaçado de mentiras e perversão, e que desse a cara para "explicar" e "justificar" as inexplicáveis "mudanças" realizadas, e essa pessoa especial era Montini. Precisava-se de uma pessoa de aspecto

sensível e até compassivo, alguém que fosse verdadeiramente um lobo despiadado com pele de cordeiro, alguém que fosse também facilmente influenciável e manejável pelos mesmos poderes ocultos que iriam promover sua ascensão, no caso de que os remorsos de consciência e os complexos de culpa o invadissem e ele quisesse desistir de tão miserável incumbência. Esse alguém era Montini.

E aqui chegamos à parte crucial sobre a qual vai versar este dossiê, o quid da questão propriamente dito, um aspecto sobre a personalidade de Montini que não foi praticamente estudado, e que só nos últimos anos parece estar sendo analisado com mais seriedade por vários investigadores, mas que este inútil servo de Deus que sou eu considera como essencial e definitivo para tentar explicar e compreender ainda que minimamente como foi possível que tal personagem chegasse tão longe em seu triste e covarde incumbência de destruir Nossa Santa Mãe a Igreja: refiro-me à pervertida vida privada de G.B. Montini e à sua habituação ao abominável vício sodomita.

Porque foi precisamente devido à inclinação a este vício nefando de Montini, alias “Paulo VI”, que este foi como um útero maravilhoso nas mãos da Franco-maçonaria e das sociedades secretas, as quais o ameaçavam com revelar suas tendências contra a natureza ante o mundo inteiro se aquele mostrasse algum sintoma de “remorso” diante da destruição e do terror que ele mesmo, usurpando a figura do Vigário de Cristo, estava semeando e espalhando por todo o orbe para vergonha e confusão de milhões e milhões de filhos e filhas de Deus, os quais foram “assombrosamente” absorvidos nessa espiral de auto-demolição e passaram de ser católicos a se converterem em inimigos do Altíssimo sem que muitos deles se dessem conta de tão gravíssimo pecado. E tudo isto, por “obra e graça” do mesmo homem, G.B. Montini, que durante a sessão final do “concílio” que ele mesmo havia desenhado e manipulado desde o princípio declarou em uma confissão feita a seu amigo íntimo Jean Guitton que naquele dia em que ele, Montini alias “Paulo VI”, iria impor os “ensinamentos” do V2 sobre o mundo inteiro, ele estava “a ponto de tocar

as sete trombetas do Apocalipse", como referem os Irmãos Dimond em seu dossiê "The heresies of Paul VI".

Devo esclarecer aqui que a homossexualidade de Montini não o exime em nenhum modo de sua horrenda e infame traição. Não, Montini sabia muito bem o que fazia, ele sabia que iria estrangular e cortar os canais ordinários pelos quais Deus nos transmite Sua Graça ao alterar e mudar os Sacramentos, e sobretudo, sabia perfeitamente que ao mudar o Rito de Ordenação Episcopal em 1968 ele iria interromper drasticamente a cadeia de Sucessão Apostólica instituída por Nosso Senhor Jesus Cristo. No meio da voragem de "mudanças" e "transformações" que Montini levou a cabo, ele fez passar astutamente a mais grave e perigosa de todas, a de modificar a Fórmula de Consagração de Bispos, e é por isso que hoje em dia, em pleno ano de 2008, os católicos estejamos vivendo em uma situação verdadeiramente dramática e heróica ao não poder receber nenhum sacramento de mãos de ninguém, porque aqueles que foram ordenados antes de 1968 ou bem já morreram, ou caíram na heresia e na apostasia ao aceitar a nefasta seita conciliar e todas as suas odiosas blasfêmias, e aqueles que foram ordenados com o "novo rito" nem sequer são sacerdotes, não são nada, porque o "novo rito montiniano" não é senão uma mera cópia do rito herético protestante do anglicanismo, e portanto é uma grave ofensa a Deus Nosso Senhor. Que terrível tragédia, meu Deus!

Note-se além da astúcia certamente diabólica de Montini e de seus companheiros no crime litúrgico (Bugnini, Dom Botte e Lecuyer): eles escolheram o momento perfeito para realizar semelhante "transformação" no conturbado ano de 1968, quando levavam já vários anos anunciando aos quatro ventos que a Santa Missa ia ser "mudada" e adaptada às "necessidades dos homens e do mundo moderno". Logicamente, foi este fato o que motivou a inquietação e a preocupação dos setores que ainda se mantinham perplexos e céticos diante das incríveis novidades que este "Paulo VI" havia introduzido na Igreja, e o que os moveu a se opor e protestar ante semelhante ousadia (como aconteceu com Mons. Lefebvre ou com o Card. Ottaviani), mas a mudança da missa era realmente uma cortina de fumaça, um cavalo de Troia que ocultava dentro a maior e mais

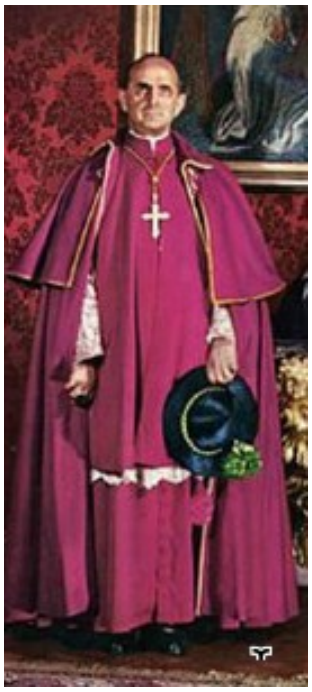
destrutiva das mudanças: a da mudança do rito de ordenação. 1968 foi também o ano em que Montini publicou sua famosa “encíclica” Humanae Vitae, a qual foi recebida com um aluvião de protestos por muitos bispos, sacerdotes, moralistas e fiéis em geral, que seguramente esperavam maior compreensão das “novas liberdades em matéria sexual” por parte de um “papa” tão liberal e progressista como “Paulo VI”, e que ficaram muito decepcionados com a resposta deste. Mas toda essa estratégia estava estudada e preparada ao milímetro por Montini e por aqueles que o rodeavam e exerciam pressão sobre ele para que efetuasse as mudanças decisivas no momento mais oportuno, enquanto este dava a falsa impressão de permanecer fiel em aparência ao magistério tradicional da Igreja em matéria de moral (embora na realidade não tenha sido assim em absoluto, pois Montini-“Paulo VI” ficou aos olhos do mundo após seu fiasco de Humanae Vitae como um personagem fraco incapaz de assentar sua suposta “infalibilidade” ao falar em matéria de fé e moral, dado que finalmente tudo resultou em “uma lição de como minar e desprestigiar a Doutrina e a Moral Católicas sem mudar dita Doutrina e Moral”, nas palavras da escritora americana Randy Engel). Portanto, 1968 foi o ano de Humanae Vitae frente aos excessos de uma juventude europeia desbocada e rebelde que havia impressionado o mundo no mês de maio do mesmo ano, foi também o ano que precedia o da “imposição” por obediência ao “papa” da “nova missa” com toda a incerteza e expectação que isso acarretava, … mas quase ninguém reparou em que 1968 foi o ano em que Montini, com o Pontificalis Romanum, levou a cabo a mais ardilosa e diabólica jogada mestra jamais feita anteriormente que assestou o golpe de morte à Sucessão Apostólica e a interrompeu definitivamente. E assim estamos até nossos dias, sem bispos, sem sacerdotes, sem sacramentos … mas com uma Fé inquebrantável em nossos corações e em nossos lábios! Uma Fé que nos nutre e nos mantém na esperança da iminente e gloriosa Segunda Vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Voltando à homossexualidade de Montini, vou tratar de aprofundar sobre este aspecto de quem foi conhecido como um personagem hamletiano, cheio de vacilações e contradições. E vou fazê-lo com o maior rigor possível. Semelhante impostor e inimigo de Nossa Santa Mãe a

Igreja merece isto e muito mais. O amor a Deus nos obriga a investigar as inquietantes relações que este sujeito teve com a maçonaria, a máfia, e os poderes ocultos deste mundo em geral. Vou expor também o papel fundamental que Montini exerceu na repugnante infiltração e promoção de "prelados" homossexuais na seita conciliar, a qual desgraciadamente continua sendo considerada por muitas pessoas de boa vontade, mas muito ignorantes, como a Igreja Católica de sempre. Que terrível confusão e cegueira, Senhor meu!

Nosso Senhor nos disse que devemos perdoar e amar a nossos inimigos, mas Ele também nos disse que há um pecado que não será perdoado nem nesta vida nem na outra. Só a Deus compete julgar cada alma, mas a nós nos incumbe também desmascarar os hereges e pôr a descoberto sua perversidade. Os pecados de G.B. Montini são gravíssimos, são pecados que clamam justiça ao Céu. Peço portanto paciência e contenção aos leitores, porque eu mesmo sou o primeiro que está indignado e ofendido por este funesto personagem que foi Montini. Exponhamos aqui os fatos de maneira clara e concisa, reflitamos e tiremos as conclusões pertinentes, e peçamos a Deus Pai Todo-Poderoso que se apiade de nós, pobres servos inúteis, e de todos os que fazem parte da Santa Mãe Igreja hoje desterrada ao deserto da só Fé sobrenatural. Que os Sagrados Corações de Jesus e Maria Santíssima sejam nosso refúgio e consolo neste tempo de trevas.

II. Os “Místérios” de Giovanni Battista Montini



A infância e a adolescência são duas épocas fundamentais no processo de maturação física e mental de toda pessoa. Ricardo de la Cierva, em seu livro *Las Puertas del Infierno*, e especialmente a senhora Randy Engel, em sua obra *The rite of sodomy*, [Veja-se o capítulo desta obra sobre este tema, traduzido neste blog aqui], analisam a infância, adolescência e maturidade de G.B. Montini, sobre as quais se conhece tão pouco, e nos proporcionam informação muito interessante que nos vai ajudar a compreender melhor quais eram estes supostos “mistérios” que parecem rodear a chamada “vida oculta” de Montini. Ambos os autores coincidem em assinalar que “o pequeno Montini viveu uma infância mimada cheia de relaxamento e comodidade como o ‘frágil’ e ‘queixoso’ irmão do meio protegido entre seus outros dois irmãos aparentemente sãos, Lodovico (o maior) e Francesco (o menor)”.

Seu pai, Giorgio Montini, era um bem-sucedido jornalista, editor do jornal católico local *Il Cittadino* e membro da Câmara de Deputados italiana. Foi também proprietário agrícola e financeiro. Tanto este como sua mulher, Giuditta Anghisi, que era de origem judaica assim como seu pai, ou seja, o avô materno de Montini, como nos informa o Prof. Andreas A. Bohmler em seu excelente livro *Martín Lutero*, compartilhavam uma

enorme paixão pela política de esquerda e pela cultura francesa, paixão que transmitiram a seus três filhos.

À idade de 6 anos, Battista (como era chamado de jovem) começou seus estudos primários no colégio de jesuítas Cesare Arici em Brescia, permanecendo ali até que tinha 14 anos, quando seus pais o tiraram do colégio por causa de sua debilidade e sua saúde delicada que exigia cuidados em casa. Assim teve que realizar o resto de seus estudos. Segundo De la Cierva, “talvez esta incapacidade deu origem ao seu caráter introvertido e difícil”. Ao que parece, Battista “estudava ajudado por professores particulares e tirava bem os cursos mas lia muitíssimo por conta própria, o que não autoriza a considerá-lo como autodidata, mas sim a descrevê-lo como jovem de insaciável curiosidade cultural, que além disso desenvolvia com amplíssima liberdade, sobretudo para as estritas costumbres de então”. De fato, esta paixão insaciável pela leitura o levou a ler autores como Tolstói, Goethe, Adam Mickiewicz (líder do romantismo polonês), e, o mais surpreendente, Oscar Wilde, de quem a Sra. Engel afirma que o jovem Montini era um admirador, apesar de que naquela

época (1917) era óbvia “a conexão ainda recente para o grande público entre Wilde e o crime da sodomia”.

Costumava frequentar os padres oratorianos da Igreja de Santa Maria della Pace, dos quais Randy Engel nos conta que “representavam a vanguarda clerical do momento e estavam em maior sintonia política com o pensamento antifascista de Giorgio Montini e de sua mulher que os tradicionais sacerdotes jesuítas de Arici”. Aqui temos um jovem Montini que, além disso, sentia uma predileção pelo idioma francês, o qual estudou por conta própria e posteriormente aperfeiçoou em vários cursos na França, com sua mãe como melhor professora, segundo De la Cierva, e que se havia convertido em “um jovem silencioso e triste, que se forjou pessoalmente, para superar suas dores, um grande domínio de si mesmo, junto com muita amabilidade e cortesia”. Será aos 16 anos quando Montini começa a considerar sua vocação sacerdotal, mas deve seguir em casa os estudos do seminário, que organiza para si mesmo de maneira muito livre, ficando isento de fazer o serviço militar precisamente por causa de sua saúde deficiente. Em 1920 é ordenado sacerdote sem ter vestido mais que uns poucos meses a batina, ou seja, sem ter sido seminarista formal senão por períodos muito breves. Tudo isto é o que vai fazer de Montini um sacerdote “livre”, sem estar sujeito a uma autoridade que o vigie e dirija, e a quem tenha que prestar contas, o que será algo que depois ficará patente em sua etapa junto a Pio XII, a quem enganou reiteradas vezes de um modo sujo e desprezível.

Montini no dia de sua ordenação.

A Sra. Engel nos relata que o jovem Padre Montini “não era especialmente religioso – a política e o piano eram seu forte; excetuando a Missa e a realização de vários ritos sacramentais, o jovem sacerdote parecia ter em pouca estima a vida espiritual”, e o mais estranho e enigmático era que “o jovem pároco Battista Montini também mostrava uma aversão às devoções Marianas, em especial o Rosário, alegando que ele preferia uma aproximação à Mariologia mais centrada em Cristo”.

Eis aqui outro indício grave e preocupante: o jovem Montini nunca se sentiu atraído pela devoção a Nossa Santíssima Mãe a Virgem Maria. Quando um jovem sacerdote descuida sua relação filial com a Mãe de Deus, temos motivos mais do que suficientes para estar alerta e desconfiar de tal indivíduo. Este traço “anti-mariano” de Montini será uma constante em toda sua vida, e destacará de uma forma notória em sua etapa como arcebispo de Milão, onde os fiéis se queixavam de que “ao arcebispo Montini faltava sensibilidade e devoção à Virgem” e que para Randy Engel fica patente nas “ausências inexplicáveis do arcebispo nas tradicionais festividades marianas do mês de maio e as peregrinações a Loreto, assim como sua recusa a participar na recitação pública do Rosário”, bem como em sua visita “relâmpago” a Fátima quando já havia usurpado o papado. Nesta visita, o Abbé de Nantes afirma em sua *Liber Accusationes in Paulum Sextum* que o impostor “Paulo VI” nem sequer rezou um só Ave Maria (!) mas que sim mostrou especial interesse por fomentar o diálogo inter-religioso com outras “confissões” (em um santuário mariano como Fátima, que ofensa a Nossa Santíssima Mãe!).

Eis aqui, este personagem que, graças à influência de seus pais, foi enviado a Roma com o fim de começar sua carreira diplomática a serviço da Santa Sé, mas com uma vocação sacerdotal bastante escassa, para dizer algo leve. Sobre a vida do jovem Montini na cúria romana e na FUCI (Federação de Estudantes Católicos Universitários Italianos) é interessante o que a Sra. Engel nos conta, pois foi ali onde este sujeito conheceu e forjou amizade com indivíduos como Aldo Moro, fundador do Partido Democrata Cristão, e Giulio Andreotti, quem ao longo de sua extensa

carreira política estabeleceu alianças com os comunistas, os maçons e a máfia siciliana. “Durante os 30 anos que trabalhou na Secretaria de Estado do Vaticano, Monsenhor Montini nunca foi bem visto pelos membros da Cúria nem por seu pessoal. O Cardeal Canali, chefe da administração vaticana, e Monsenhor (depois Cardeal) Ottaviani jamais ocultaram sua grande desconfiança e aversão para com o jovem diplomata Montini”.

Já na Guerra da Abissínia, o P. Montini apoiou abertamente a Sociedade das Nações, o que constituía uma posição contrária à política vaticana oficial, pois como a Sra. Engel explica: “o Papa Pio XI acreditava que esta organização internacional recém-criada usurparia o papel da Santa Sé como mediadora em conflitos internacionais, o que efetivamente fez, e que a Sociedade era um ninho de maçons e comunistas, como assim era na realidade”.

Sua reputação de antifascista radical e filocomunista convicto ia em aumento, e alguns bispos estavam alarmados pelo que eles consideravam uma falta total de patriotismo por seu país nativo por parte de Montini, quem de fato “nunca pareceu ter nenhum escrúpulo em trair seu país e seus compatriotas frente aos britânicos, aos soviéticos e aos americanos durante a 2ª Guerra Mundial, o que lhe valeu a acusação do herói fascista Roberto Farinacci de que Montini era amigo dos inimigos da Itália”, como relata o historiador britânico Owen Chadwick em *Britain and the Vatican during the Second World War*.

Aqui temos já o perfil bem delimitado de alguém que para conseguir seus fins maquiavélicos era capaz de trair seu país, e que uma vez usurpado o papado não vacilaria em trair repetidamente Nosso Senhor Jesus Cristo e Sua Igreja para agradar a seus amigos do mundo. A maçonaria devia estar esfregando as mãos com Montini, pois via nele o candidato perfeito para levar a cabo a Revolução na Igreja, alguém que podia ser um brilhante mestre do equívoco e da ambiguidade, e que triunfaria ali onde o Cardeal Rampolla havia fracassado.

Durante a 2ª Guerra Mundial, o P. Montini encarregou-se de uma rede de comunicação clandestina que ajudava refugiados políticos, judeus incluídos, a escapar da Itália; era, segundo R. Engel, “sacerdote-diplomata

durante o dia e conspirador à noite, trabalhando junto a oficiais militares e de inteligência aliados da OSS (U.S. Office of Strategic Services) e dos serviços secretos britânicos e soviéticos contra os fascistas, os japoneses e os nazis". Além disso, parece que "Montini foi fundamental na hora de reunir informação para os aliados mediante os jesuítas no Japão relacionada a objetivos estratégicos a serem bombardeados".

Em seu carrossel de negociações e pactos secretos, Montini também fez acenos a seus apreciados amigos comunistas. Em 1944, como relata Mary Ball Martínez em *The undermining of the Catholic Church*, teve lugar uma reunião de alto nível entre Monsenhor Montini, atuando em representação de Pio XII, e Palmiro Togliatti, líder do Partido Comunista Italiano que havia voltado de seu exílio de 18 anos na União Soviética, na qual se pactou um acordo entre a Democracia Cristã, os socialistas e os comunistas para obter o controle total da Itália em qualquer governo do pós-guerra, mas também se esboçaram as condições para uma futura cooperação entre a Igreja Católica e a União Soviética, o que se fez sem o conhecimento de Pio XII, já que Mons. Montini encarregou-se habilidosamente de ocultar-lhe este assunto. No livro *¿La Iglesia eclipsada?* menciona-se ainda que Montini e Togliatti eram amigos desde a infância.

Não seria esta a última de suas traições e enganos a Pio XII. Para alguém que estava acostumado à mentira, dizer uma coisa e fazer outra era algo perfeitamente "normal". A relação de afeto que o Papa Pacelli lhe dispensava foi progressivamente deteriorando-se ante as repetidas indecisões e ações pouco transparentes de Mons. Montini. Não é de estranhar que Sor Pascualina Lehnert, a fiel religiosa governanta e conselheira de Pio XII, nunca sentisse afeto e confiança por Montini, com quem havia tido vários desentendimentos quando ambos trabalharam juntos nas obras de beneficência instituídas pelo Papa durante os bombardeios aliados de Roma na 2ª Guerra Mundial. O que é que Sor Pascualina havia descoberto ou percebido de estranho e turbio em Montini? Nunca o saberemos, mas sim sabemos que ela expressou ao Santo Padre sua inquietação acerca de tal personagem e que sua aversão

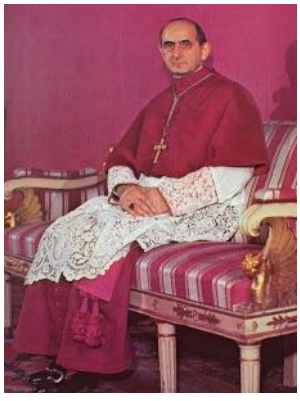
para com ele era enorme. Portanto, é lógico pensar que Sor Pascualina, conhecida como “Virgo Potens” por muitos romanos e membros da Cúria, havia talvez detectado algum comportamento pouco comum e suspeito em Montini, e como mulher forte e santa que era havia se sentido disgustada e contrariada ante isso.

Mons. Montini ao lado de Pio XII (A serpente pérfida espreitando a pomba escolhida pelo Espírito Santo)

Outro episódio verdadeiramente vergonhoso foi a miserável traição perpetrada contra a Igreja Católica mediante o chamado Pacto de Metz dois meses antes da abertura do infame “Concílio VII”, no qual Roncalli, alias “João XXIII”, sob a instigação de Montini, autorizou a assinatura de um acordo com dirigentes soviéticos pelo qual Moscou permitiria que 2 de seus representantes da “Igreja Estatal Russa” assistissem ao “Concílio” em troca do mais absoluto silêncio no mesmo acerca do comunismo e do marxismo. Só Montini, o Card. Tisserant, quem assinou o pacto, e o bispo Willebrands, encarregado de contactar estes 2 representantes soviéticos, só

eles sabiam desta horrenda traição que acabavam de levar a cabo, enquanto os Padres Conciliares desconheciam por completo tudo isto. Posteriormente, uma vez que o “Concílio” se abriu e apesar da insistência de muitos bispos para que se condenasse o comunismo, o Card. Tisserant ocupou-se como Primeiro Presidente do “Concílio” de que o assunto nunca se convertesse em um tema de debate ou discussão formal durante a celebração desta grande farsa que foi o VII. Milhões de católicos assassinados e torturados sob o jugo comunista haviam sido assim traídos da mais infame maneira por causa das maquinações de Montini.

A gota que fez transbordar o copo e que esgotou a paciência do Papa Pio XII foi o desagradável incidente ocorrido em 1954, no qual, como Andreas Böhmler narra: “Viram sair do Vaticano um homem algemado, a quem um carro celular levou. Este homem despojado de sua batina por ordem de Pio XII não era outro senão Mons. Alighiero Tondi, jesuíta, secretário particular de Mons. Montini, este por sua vez, Prosecretário de Estado de Pio XII”. Segundo transpirou mais tarde, este personagem infiltrado por Montini tinha acesso ao Arquivo Secreto Vaticano e ali obtinha os nomes de todos os sacerdotes enviados atrás da Cortina de Ferro e os comunicava a Togliatti, quem por sua vez os transmitia a seus camaradas russos, os quais se encarregaram de capturar e martirizar estes sacerdotes. Assim que Pio XII teve conhecimento destes gravíssimos fatos, expulsou Tondi, quem havia confessado sob interrogatório ser agente da KGB formado em Moscou e infiltrado na Igreja, e livrou-se de Montini enviando-o a Milão como Arcebispo, mas negando-lhe o barrete cardinalício, afastando-o assim ao menos temporariamente de poder optar a ser “papabile”. Este gravíssimo caso adoeceu Pio XII e confirmou plenamente as suspeitas que Sor Pascualina Lehnert seguramente há muito tempo vinha revelando ao Pontífice a respeito de Montini.



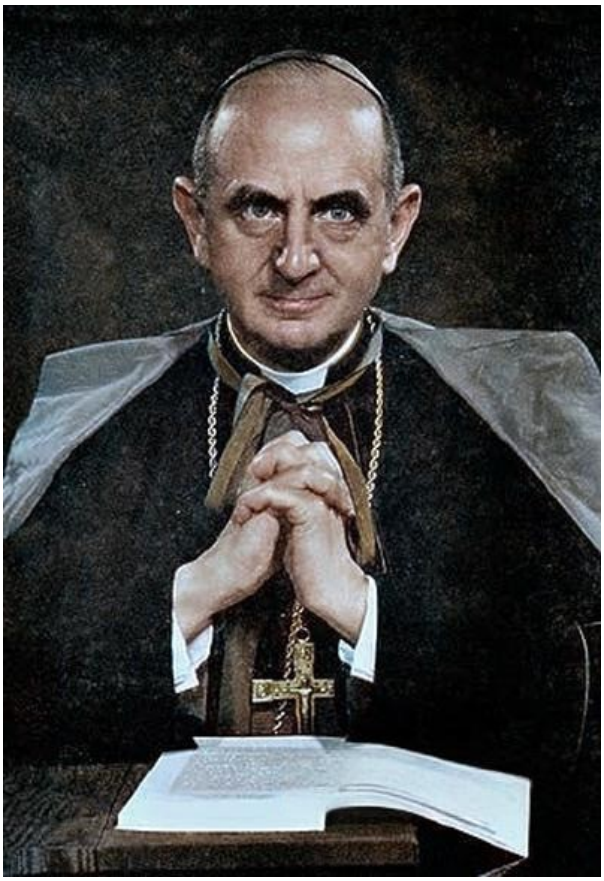
Uma vez em Milão, o Arcebispo Montini reuniu em torno de si uma autêntico grupo de personagens de pensamento liberal como o seu, incluindo “anarquistas, comunistas, socialistas, mafiosos, e membros da vanguarda artística e literária de Milão, demonstrando que assim como a virtude atrai os homens virtuosos, assim também o vício atrai os homens viciosos”, nas palavras da Sra. Engel.

Desde o primeiro momento, os milaneses descobriram que Mons. Montini não sentia afeto pelas devoções marianas, e embora seu biógrafo oficial, Peter Hebblethwaite, tenha tratado de suavizar estas críticas alegando que Montini favorecia uma “mariologia centrada em Cristo”, esta concessão verbal mostrou-se insuficiente. Para Engel, “a teologia de Montini era antropocêntrica em vez de teocêntrica, estava centrada no homem e não em Deus”.

Além disso, Montini era o maior discípulo de Jacques Maritain e de seu “humanismo integral”, que abraça a enorme heresia de uma fraternidade universal de homens de boa vontade pertencentes a religiões diferentes ou a nenhuma religião, e que o Abbé de Nantes denunciou com o acrônimo MASDU (Mouvement d’Animation Spirituelle de la Démocratie Universelle) “no qual a Declaração dos Direitos do Homem substitui o Evangelho de Jesus Cristo, a Democracia Mundial se faz análoga ao Reino de Deus na terra, e a função da religião é oferecer inspiração espiritual para uma humanidade regenerada, sendo o resultado final do MASDU o aniquilamento completo da religião e sua metamorfose no humanismo ateu”.

Em outro ponto deste dossiê continuarei expondo as perigosas companhias que Mons. Montini frequentava em sua estadia em Milão e com as quais se sentia tão cômodo, chegando a estabelecer alianças com personagens sinistros surgidos do mundo da máfia e do crime organizado, assim como da maçonaria, e que o acompanhariam a Roma mais adiante em seu reinado de terror como impostor usurpador das Chaves de São Pedro para continuar com suas obscuras atividades.

Mas agora chegou o momento de denunciar e expor a pervertida vida privada deste sodomita herege e traidor que tanto dano fez a Nossa Santa Mãe a Igreja e a milhões de almas.



As andanças de um pérfido sodomita

Quando alguém quer fazer uma acusação, primeiro deve estar seguro de que o que vai dizer é certo, e de que existem provas suficientes que demonstrem dita acusação. Que Montini era um perverso sodomita é algo fora de qualquer dúvida. Que seu abominável vício secreto o converteu numa marionete perfeita a serviço da maçonaria e dos inimigos da Igreja resulta igualmente evidente. Para a realização desta seção me foi muito útil a valente e reveladora obra de Randy Engel *The rite of sodomy*, assim como outras fontes que citarei a seu devido tempo.

Eis aqui, pois, as provas e os testemunhos a respeito que demonstram que Montini-P6 (“Paulo VI”) estava bastante habituado ao repugnante e nefando vício homossexual:

I. Em primeiro lugar, “Montini-P6 é identificado como um homossexual praticante em numerosas publicações homossexuais e seu

nome aparece em virtualmente todas as listas de homossexuais famosos encontradas em diversas páginas web do chamado 'coletivo homossexual'".

Engel assinala além que "o rumor de que Montini se sentia sexualmente atraído por rapazes já fazia parte da fofoca do coletivo homossexual muito antes de que se formulassem acusações públicas sobre a homossexualidade de P6". De fato, nos Estados Unidos, a North American Man/Boy Love Association (NAMBLA) (que aberração de nome!) afirmou em sua reunião organizativa celebrada em 2 de dezembro de 1978 na Boston's Unitarian Community Church que: "…a Igreja condena a desvio sexual, mas é hipócrita, ou seja, tolera e inclusive recompensa a hipocrisia sexual pessoal nos mais altos níveis com a condição de que se exiba um vassalagem exterior para com o controle central: o Cardeal Spellman e Paulo VI são exemplos recentes".

II. O testemunho de Robin Bryans.

Robin Bryans, alias "Robert Harbinson", escritor irlandês e homossexual confessado revelou em sua autobiografia *The dust never settles* que seu amigo Hugh Montgomery lhe havia contado que ele (Montgomery) e o jovem Montini haviam sido amantes. Hugh Montgomery era o irmão do famoso artista Peter Montgomery, o companheiro sexual do espião de Cambridge Anthony Blunt.

Em meados da década de 1930, a Hugh Montgomery foi designado um posto diplomático no Vaticano na qualidade de *Chargé d'Affaires* sob a direção de Sir Alec Randall, o representante britânico na Santa Sé. "Foi aqui onde Hugh conheceu um jovem e promissor diplomata italiano, Mons. Battista Montini, quem supostamente compartilhava as inclinações sexuais de Hugh e ambos os homens mantiveram uma relação sexual".

Segundo Bryans, a quem cita Engel, "Hugh Montgomery e seu amigo Battista Montini confraternizaram com alguns personagens bastante excêntricos durante aqueles dias, entre os quais se inclui o Visconde Evan Tredegar, um aristocrata convertido ao catolicismo que serviu como

Camerlengo Privado ao Papa Bento XV. O Visconde disfrutava excitando a seus amigos com relatos sobre suas experiências sexuais e ocultistas com missas negras nas quais se usava sangue humano, urina e sêmen".

Após a morte de Bento XV e a eleição de Pio XI, Tredegar perdeu automaticamente sua posição honorária de Camerlengo Privado, abandonando também seu sonho de ser sacerdote para regressar a seu País de Gales natal e casar-se. Segundo afirma um amigo íntimo deste personagem, Tredegar "conservava um retrato do jovem Montini junto ao de um fornido marinheiro em sua mesinha de cabeceira ao lado de outras fotos de personagens da realeza".

Engel afirma que se Montini se enredou numa relação homossexual quando era um jovem diplomata no Vaticano, então resulta quase certo que ao menos alguns membros da Cúria Romana teriam ouvido estes rumores. Não obstante, "dado que o jovem Montini estava bem protegido por sua poderosa e politicamente influente família, assim como por outros influentes prelados como Eugenio Pacelli, o futuro Pio XII, não se pôde fazer nada para apartar Montini de seu posto diplomático".

III. O testemunho de M. Winckler, intérprete oficial.

No livro *¿La Iglesia eclipsada?* se recolhe o relato de M. Winckler, oficial-intérprete:

"Diversas circunstâncias, no meu desejo de reunir o exército Leclerc, fizeram que me encontrasse em Túnis durante sua ocupação pelas tropas do Eixo (...) e após ter passado por Tripoli, Casablanca e Argélia, desembarquei no E.M.F. de Roma, como intérprete oficial... Você sabe que é uma tradição em Roma confiar as finanças de São Pedro a católicos de origem judaica. Com a reputação que eu tinha, estes me receberam com todas as honras devidas a um irmão que sofreu... Eles me apresentaram ao grande irmão Montini e eu o ajudei na missa que ele rezava às quintas-feiras aos diplomados da universidade. À ordem do dia: 'A abertura ao mundo', mas muito habilmente, e com palavras muito, muito encobridoras."

“Os participantes se incomodavam menos, mas eu não fui verdadeiramente ‘colocado a par’ senão por Mons. Serge Pignedoli… Ele me confirmou que a mãe de Montini, Judith Alghisi, havia se convertido quando seu matrimônio com Georges Montini, ele também de origem judaica… Animado por Gasparri, sustentado por muito altas instâncias mundialistas, ‘obrigado’ por seus costumes contra a natureza, ele chegou a ser o ‘futuro Papa’!”

“Seus melhores partidários se encontravam num grupo iniciático cujos grandes antepassados têm nomes que não dizem nada às pessoas que chegam a ignorar até a existência do *mysterium iniquitatis*, por exemplo, H.P. Blavatsky, H.S. Olcott, Theodore Reuss, etc. Pignedoli me conduziu, em 2 de janeiro de 1945, à casa do sobrinho do cardeal Rampolla (quem era muito amigo de Montini) o qual, sem o veto (motivado por sua pertença à O.T.O., Loja de Zurique), nos teria privado de São Pio X, ‘*niente meno*’ (nada menos!)”.

“Vendendo a pele do urso antes de tê-lo… subjugado, Pignedoli me ‘descobriu o bolo’: me contou toda a história do complô Rampolla e me assegurou que desta vez, o assunto estava ‘no papo’ com Montini. O Venerável da Loja (o príncipe E. De Nápoles Rampolla, sobrinho do difunto cardeal) perdeu o tempo e eu tomei minhas distâncias com Don Serge assim como com Mons. Montini”.

“Por causa disto, por conduto de Maritain, me foi dito que eu não era grato em Roma e fui repatriado. O odioso filósofo havia se feito amigo do bispo traidor, mentiroso e sodomita (Montini). Eu não posso confirmar-vos que ele pertencesse à B’nai B’rith; só sei que o assunto se arranjava nas mais altas esferas de certo projeto judaico mundialista, dentro de qualquer outro setor como o sionismo” (Latour, Loubier e Alexandre: *¿Quién ocupa la sede de Pedro?*, pp.61-62, *Cahiers de Cassiciacum*, 1º de maio de 1979, p.101)

IV. As declarações de Roger Peyrefitte.

O novelista e antigo embaixador francês Roger Peyrefitte é um homossexual declarado e famoso por suas opiniões controversas em defesa dos "direitos gay". Em 1976, Peyrefitte concedeu uma entrevista a D.W. Gunn e J. Murat, do *Gay Sunshine Press*, sobre o assunto da suposta homossexualidade de Montini-P6.

Peyrefitte disse que em janeiro de 1976, o "papa" deu uma audiência pública na qual condenou a homossexualidade, a masturbação e o sexo pré-matrimonial. Peyrefitte afirmou sentir-se ofendido pela "hipocrisia do 'papa', posto que era algo sabido em certos círculos que enquanto Montini era arcebispo de Milão manteve um caso homossexual com um jovem ator italiano", cujo nome era conhecido por Peyrefitte mas este não quis revelá-lo então. O escritor francês acrescentou que ele não obteve esta informação por parte dos "comunistas ou dos porteiros", mas de membros da nobreza italiana com os quais ele estava bem relacionado. Suas fontes milanesas lhe indicaram que era um segredo político em determinadas esferas que Montini frequentava uma "casa discreta" na qual conhecia rapazes e que tinha um favorito particular cujo nome era Paolo.

Um repórter francês de *Lui* entrevistou pouco depois a Peyrefitte, e foi aí onde este revelou o pano de fundo homossexual de Montini durante sua estadia em Milão. A entrevista em *Lui* foi recolhida e reproduzida pelo semanário italiano de notícias *Tempo* em Roma em 26 de abril de 1976. Peyrefitte disse que foi "como se uma bomba-relógio tivesse explodido".

Após esta turva polêmica, Montini-P6 e a Conferência Episcopal Italiana pediram um "Dia de Consolação" universal para reparar a calúnia contra o "santo pai". No Domingo de Ramos de 1976, Montini-P6 fez uma declaração de sua sacada no Vaticano queixando-se "…*Delle cose orribili e calumniose…*" Na verdade, a serpente ardilosa que era Montini havia sido atacada com seu próprio veneno, o herege traidor havia sido desmascarado por causa de suas asquerosas tendências contra a natureza, e agora se revirava de dor e tratava de livrar-se covardemente de suas próprias iniquidades mediante a mentira, algo a que se havia acostumado

durante toda sua vida, pois era um autêntico mestre do engano e da ambiguidade.

Em *O Vatican! A slightly wicked view of the Holy See*, o antigo correspondente do *N.Y. Times* em Roma, Paul Hoffman, repetiu as acusações de Peyrefitte contra Montini, aportando o nome do ator italiano Paolo Carlini, quem supostamente era o favorito de Montini quando este era arcebispo de Milão, e que mais tarde se converteu em "visitante habitual" do "papa P6" em seus aposentos privados do Vaticano, como revelaremos a seguir.

V. As Revelações de Franco Bellegrandi.

Attila Sinke Guimarães refere-se à homossexualidade de Montini-P6 em seu último livro *Vatican II, Homosexuality & Pedophilia*. No portal de internet "Tradition in action", Guimarães cita Franco Bellegrandi, um antigo membro da Guarda Nobre do Vaticano – *camarieri di spada e cappa* (camareiro de honra), uma parte do corpo militar papal, quem foi testemunha dos desgraciados mudanças que aconteceram no Vaticano depois que P6 usurpou a Cátedra de São Pedro, e que em sua obra *Niccolò Roncalli – Controvita di un Papa* repete a acusação de que enquanto

Montini era arcebispo de Milão, foi surpreendido vestido com roupa civil e interrogado pela polícia local em uma de suas habituais visitas noturnas aos bordéis masculinos da cidade.

O antigo guarda do Vaticano descreve também o processo de colonização homossexual que, segundo ele, começou com Roncalli-J23, mas que se acelerou até limites insuspeitados sob o mandato de Montini-P6. Bellegrandi afirma que os antigos e leais servidores foram relevados de seus postos no Vaticano para deixar lugar aos "colegas" favorecidos por Montini, afetados pelo mesmo vício sodomita, os quais por sua vez convidavam a seus amigos favoritos ao Vaticano – "jovens afeminados com uniformes elegantes e maquiagem em seus rostos para disfarçar suas barbas", diz Bellegrandi.

Mas deixemos que seja o próprio Bellegrandi quem nos narre os fatos recolhidos em seu livro *Nichita Roncalli*: (*Nota: as aspas são minhas)

"Em Roma e em toda a Itália corre o rumor de que Montini é homossexual. Portanto, vulnerável. E em consequência, aberto e exposto àqueles que pretendem usá-lo para conseguir seus próprios fins.

Quando ele era Arcebispo de Milão, foi detido uma noite usando roupa de civil e em companhia suspeita. De fato, durante muitos anos ele teve uma amizade especial com um ator que tinge o cabelo de cor ruivo. Este homem nunca ocultou sua relação com o futuro 'Papa'. A relação continuou e se fez mais íntima nos anos seguintes. Depois que Montini foi eleito 'Papa', um funcionário das forças de segurança do Vaticano me contou que este amigo favorito de Montini tinha permissão para entrar e sair livremente dos aposentos pontifícios. E que ele havia sido visto frequentemente pegando o elevador papal à noite.

A "casca de banana" na qual P6 escorregou e que pôs fim ao caráter não-oficial de sua fraqueza foi a homilia sobre ética sexual que realizou em janeiro de 1976 e que tratava de alguns aspectos da homossexualidade. Esta homilia provocou uma reação por parte do escritor francês Roger Peyrefitte.

Em 4 de abril de 1976, o semanário "*Il Tempo*" publicou uma entrevista com o autor, que tem fama de estar muito bem documentado… Peyrefitte acusou o "Papa" de ser homossexual e lhe negou o direito de ser um censor deste tema. P6 encaixou o golpe oficialmente e se deu por aludido.

Um dia de orações "para reparar a ofensa recebida pelo 'Papa'" foi convocado. Não obstante, a Itália inteira estava rindo às gargalhadas deste incidente. A televisão britânica fez uma entrevista a Peyrefitte, que confirmou suas acusações e expressou sua surpresa pela publicidade que estava recebendo.

A primeira chantagem contra Montini, tão logo "ascendeu" ao trono de Pedro, foi feito pela Maçonaria, que o coagiu a eliminar a condenação da Igreja que pesava sobre aqueles que desejavam ser incinerados ao morrer (ao qual ele acedeu). O que se ameaçava era revelar publicamente os encontros secretos entre o Arcebispo de Milão e "seu" ator num hotel de Sion, no cantão suíço de Valais. Algum tempo depois, em Paris, a história por trás desta mudança realizada por P6 veio à tona, com as provas irrefutáveis pacientemente recolhidas por um policial…

Outra mudança observada por quem estava naquele estreito círculo e que, devido a seu posto ou cargo, costumavam passar grande quantidade de tempo no Palácio Apostólico, foi a repentina nomeação de homossexuais a posições de prestígio e responsabilidade próximas ao "Papa". Esta praga que infestaria, transformaria e devastaria o Vaticano durante a época de "Paulo VI" já havia começado desde antes, durante o "pontificado" de "João XXIII", bem oculta nos barrocos pregueados das cortinas da Corte Pontifícia, mas desgraciadamente viva e real. Foi a mão distante do Arcebispo de Milão (o Cardeal Montini), ele mesmo vítima de tais fraquezas, a que discretamente colocava uma após outra as peças do jogo tão amado por seu coração sobre o tabuleiro de xadrez do Estado.

Estes novos personagens altamente colocados por Montini, que estavam contaminados pela mesma "doença", traziam consigo outros companheiros menos promovidos da mesma natureza que eles com o ânimo de serem "ascendidos" por P6. Assim, lenta mas gradualmente,

rumores e indiscrições começaram a correr pelo Vaticano, e graves fatos começaram a acontecer como consequência disto.

Por causa de suas funções, esta gente era frequentemente vista por nós (camareiros e guardas nobres) principalmente durante as visitas de chefes de estado e de Soberanos ao “Papa”.

Eles tinham também os seus favoritos, que eram os rapazes afeminados vestidos com elegantes uniformes e maquiagem em seus rostos para disfarçar suas barbas. Nós – os “*camarieri di spada e cappa*” e os guardas nobres – mantínhamos prudentemente nossa distância frente aos seus sorrisos e suas cortesias. Limitávamo-nos a saudá-los à distância com uma continência militar.

“Favoritos” do Arcebispo de Milão começaram a aparecer também nos níveis inferiores do serviço vaticano, e às vezes surgiam pequenos e grandes escândalos. A Gendarmaria Pontifícia tinha que navegar perigosamente no meio daquele mar plagado de minas flutuantes e manter um olho fechado – e às vezes ambos – para evitar que se filtrassem rumores e fazer desistir a alguns jornalistas astutos…

Velhos e honráveis empregados que dependiam do “Governadoria” (a administração do Estado Vaticano) foram, sem nenhuma razão aparente, forçados a se aposentar ou enviados a qualquer outra parte, e estes novos recém-chegados foram instalados em seus postos vagos, levando todos eles em seus bolsos cartas de recomendação do Cardeal Montini”.

(Franco Bellegrandi, *Nichita Roncalli – Controvita di un Papa*, Rome: Edizioni Internazionale di Letterature e Scienze, 1994, pp. 85-86, 91-92)

Guimarães menciona além o testemunho do autor espanhol Pepe Rodríguez, quem afirma abertamente o que parecia ser um rumor certo e confirmado nos círculos internos da hierarquia europeia e da elite política, a saber, que não só havia muitos bispos homossexuais mas também “um grande Papa homossexual” durante os conturbados anos do pós-concílio.

VI. As acusações do Abbé de Nantes

Randy Engel cita igualmente o Abbé de Nantes, fundador da Liga da Contra-Reforma Católica em Troyes, França, em 1969, quem esclareceu suas acusações de homossexualidade contra P6 no número de Junho-Julho de 1993 de *The Catholic Counter-Reformation in the XXth Century*.

O Abbé disse que seus comentários eram em resposta ao anúncio de JP2 em 13 de maio de 1993, Festividade de Nossa Senhora de Fátima, de que o processo de canonização de P6 estava em marcha, seguindo os procedimentos diocesanos preliminares levados a cabo em Milão em 1992.

VI. As acusações do Abbé de Nantes

Randy Engel cita igualmente o Abbé de Nantes, fundador da Liga da Contra-Reforma Católica em Troyes, França, em 1969, quem esclareceu suas acusações de homossexualidade contra P6 no número de Junho-Julho de 1993 de *The Catholic Counter-Reformation in the XXth Century*.

O Abbé disse que seus comentários eram em resposta ao anúncio de JP2 em 13 de maio de 1993, Festividade de Nossa Senhora de Fátima, de que o processo de canonização de P6 estava em marcha, seguindo os procedimentos diocesanos preliminares levados a cabo em Milão em 1992.

JP2 havia dito a este respeito: “Recebi a notícia da abertura do processo de canonização de meu predecessor Paulo VI. Para mim, ele foi um pai num sentido pessoal. É por isso que não posso expressar minha grande alegria e gratidão”.

Segundo Engel, “a acusação de homossexualidade contra P6 pelo Abbé de Nantes começa quando este faz referência às acusações formuladas por Paul Hoffman em relação à Máfia milanesa, ou seja, as destacadas conexões do Arcebispo Montini com os sindicatos da Máfia e a Maçonaria em Milão“.

A seguir, o Abbé menciona uma cita extraída de um jornal em sua posse que se refere a um cardeal não italiano, “um homem grande, afável e de olhos penetrantes”, a quem P6 havia nomeado para um posto

importante no Vaticano e o qual tinha uma reputação de pedofilia com os "*ragazzi*", os garotos do bairro que há atrás do Vaticano. (Este personagem parece tratar-se do Cardeal americano Wright). O Abbé afirma que "ele era consciente de que após a 'eleição' de Montini à Cátedra de Pedro houve um aumento desproporcionado no número de seminaristas e sacerdotes homossexuais nos Estados Unidos e na Holanda. Em troca, Roma não fez nada a respeito", segundo o Abbé.

A Sra. Engel continua dizendo que "o Abbé faz depois referência a um incidente que ocorreu na véspera do conclave de 1963 que 'elegeu' a Montini 'Papa'. Ele diz que o Reverendo Padre de Saint-Avit na Basílica de São Paulo Extramuros o informou na tarde em que o conclave se iniciou que o departamento de moralidade da polícia de Milão tinha um dossiê sobre Montini. Portanto, o novo papa não podia ser e não ia ser Montini. Mas foi Montini!"

Eis aqui as palavras que o Abbé de Nantes dirigiu a JP2:

"Assim, depois que o escândalo da eleição de um homossexual declarado ao Trono de São Pedro tenha envenenado a Igreja, você, Santo Padre, quer fazê-lo reviver e fortalecê-lo ao elevar aos altares esta ruína humana que era P6, e seus ossos oferecidos como relíquias aos fiéis para seus piedosos beijos, e seu rosto atormentado apresentado ao fervoroso olhar dos fiéis na Glória de Bernini? Ah não, isso é impossível. Nada disso ocorrerá!".

VII. A questão do chantagem para destruir a Igreja

A Sra. Engel aportou minuciosamente as provas que demonstram sem nenhuma dúvida que Montini-P6, como afirma Franco Bellegrandi, "esteve quase imediatamente sujeito ao chantagem por parte da Maçonaria italiana assim que 'tomou posse' do Trono de Pedro, sob a ameaça de revelar as viagens furtivas do Arcebispo Montini à Suíça para encontrar-se com seu amante, o ator italiano Paolo Carlini (este ator só é conhecido por aparecer num papel menor numa superprodução americana de 1953, *A Roman Holiday*, com Gregory Peck e Audrey Hepburn). Em troca do

silêncio por parte da Maçonaria em relação à sua vida privada, Montini-P6 acedeu pressuroso a eliminar a proibição tradicional que a Igreja mantinha sobre aqueles que queriam a cremação do corpo após a morte".

Esta não foi a primeira vez que as perversões sexuais de Montini o convertiam num alvo perfeito para os chantagistas. Com efeito, como Randy Engel declara em sua obra *The rite of sodomy*, ela manteve uma correspondência de caráter secreto com um autor britânico conhecido por sua familiaridade com as operações do MI6, o serviço secreto de inteligência e espionagem britânico, com o fim de averiguar a verdade acerca de todo este assunto. Engel afirma que este homem lhe revelou a seguinte informação sobre Montini:

"Meu contato me informou de que os serviços de inteligência britânicos (MI6) e americanos (OSS) sabiam que Montini era homossexual e que eles usaram este fato contra ele (Montini) para obter sua cooperação na direção de redes de comunicação secretas entre o Vaticano e os aliados após a 2ª Guerra Mundial".

No referente ao possível chantagem de Montini por parte da KGB soviética após a guerra, Engel nos conta que obteve a informação de outra fonte:

"Um ancião cavalheiro de Paris que trabalhou como intérprete-oficial (muito provavelmente se refere a M. Winckler, cujo relato já mencionamos acima) para eclesiásticos importantes no Vaticano no início da década de 1950 me confessou que os soviéticos chantagearam Montini para que este lhes revelasse os nomes dos sacerdotes que o Vaticano havia enviado clandestinamente atrás da Cortina de Ferro para administrar os sacramentos e consolar espiritualmente os católicos da União Soviética durante a Guerra Fria. Em troca, os soviéticos manteriam em segredo o escabroso assunto das numerosas aventuras homossexuais de Montini, quem cumpriu com repugnante frieza seu maldito cometido de trair Pio XII e a milhões de católicos revelando aos russos os nomes dos sacerdotes enviados à União Soviética. A polícia secreta soviética se achava convenientemente informada a respeito e só tinha que esperar a que os sacerdotes infiltrados cruzassem a fronteira soviética para atirar neles ou

enviá-los aos gulags siberianos, onde morreriam após suportar cruéis penalidades e humilhações".

Eis aqui a resposta definitiva! O miserável Montini preferiu trair covardemente a Cristo e a Sua Igreja antes que ser exposto aos olhos de todos como o degenerado e pervertido sodomita que era!

Logo Sor Pascualina Lehnert, a religiosa e governanta de Pio XII tinha toda a razão em desconfiar abertamente de Montini e confiar-lhe suas suspeitas ao Papa Pacelli. Que infame traição, meu Deus! Que repugnante covardia!

Tudo isto confirma plenamente as suspeitas de tantas pessoas a respeito de tão sinistro personagem. O Abbé de Nantes, por exemplo, já sugeriu em sua *Liber Accusationes in Paulum Sextum* o seguinte acerca de Montini-P6:

"Sua ingenuidade deve ser apenas de aparência, servindo para nos levar direto às mandíbulas do lobo – e depois disso você também se transforma num lobo devastador. Se desejamos permanecer completamente leais às urgentes instruções de seus Predecessores, então devemos 'evitar todo contato' não só com a Sinagoga de Satanás – o que implica ir contra seus conselhos, exortações e ordens – mas também com você mesmo, que 'se esconde sob uma máscara de tolerância universal e respeito por todas as religiões'...

E de novo, seguindo a instrução dada por São Paulo a Tito: "*Haereticum hominem post unam et secundam correptionem devita*" (Tit. 3,10), devemos evitar o contato com você!

Você está de fato escondido sob uma máscara – e aqui sou obrigado a desiludir aqueles de nossos amigos que estão convencidos de que você, nos últimos dez anos, tem escondido seu catolicismo ortodoxo sob a máscara de um maçom. Pois não é assim. Como Leão XIII e o resto dos verdadeiros Pastores da Igreja assinalaram, aquele que usa uma máscara o faz para esconder um rosto que é mais feio do que o disfarce, pois ele pretende enganar o mundo. Nenhum Pontífice Católico jamais se disfarçou

sob uma máscara. São os lobos que se disfarçam, usando a roupa de ovelhas!

O que temos observado ao longo deste *Liber* é sua "máscara", e ela já é tão perturbadora que devemos, "após a primeira e segunda admoestação, evitá-la" (Tit. 3,10). Liberalismo, Diálogo, o Culto do Homem – estes formam sua máscara. Mas seu verdadeiro rosto, sua verdadeira alma, que se escondem sob ela – como são estes?"

Aqui o Abbé de Nantes acusa P6 de estar se ocultando sob uma máscara, uma falsa aparência de tolerância universal e respeito por todas as religiões, mas que na realidade oculta o verdadeiro rosto de alguém perverso e disposto a destruir a Fé em milhões de almas. No entanto, na afirmação seguinte o Abbé se aproxima muito da autêntica "verdade" que P6 tentou ocultar durante toda sua vida:

"Não pode haver aqui qualquer questão de criticar de qualquer modo a vida puramente privada do Soberano Pontífice. Isso é assunto unicamente de Deus e de sua própria consciência. A isto só poderia haver uma exceção, o caso imaginário de um Papa que, seguindo certos escândalos em sua vida privada, fosse chantageado até o ponto de ser inibido no livre exercício de sua função. Em tal caso, as consequências de ofensas puramente privadas seriam de fato de preocupação para toda a Igreja, e seria dever de qualquer um que tivesse conhecimento de tal estado de coisas fazer tudo ao seu alcance – mesmo ao preço de incorrer em excomunhão – para obter a renúncia de tal Papa".

Quão perto da verdade esteve aqui o Abbé de Nantes! Com efeito, "só no caso imaginário de um Papa que, por causa de certos escândalos em sua vida privada, estivesse sendo objeto de chantagem até o ponto de estar inibido no livre exercício de suas funções, só nesse caso, as consequências de escândalos puramente privados seriam competentes e determinantes para toda a Igreja, e seria o dever de qualquer um que tivesse conhecimento de tal estado de coisas fazer tudo o que estivesse em seu poder – inclusive a risco de incorrer na excomunhão – para obter a renúncia de dito Papa".

Bravo, Abbé de Nantes! Você esteve realmente muito perto de descobrir os “escândalos da vida privada de P6” que desgraciadamente resultaram cruciais para que este funesto personagem devastasse quase por completo Nossa Santa Mãe a Igreja, deixando-nos a nós, católicos de hoje, sem os canais ordinários da Graça, os Sacramentos, que foram estrangulados e destroçados por este lobo com pele de cordeiro.

A verdade é que nunca saberemos até que ponto P6 esteve sujeito ao chantagem por parte dos adversários da Igreja. Segundo a Sra. Engel, “no concernente aos comunistas e socialistas, o chantagem foi talvez desnecessário dada a tendência de Montini a sentir fascinação e afinidade pela Esquerda. Por outra parte, a Maçonaria, o MI6, o OSS, e depois a CIA e a Máfia muito possivelmente poderiam ter usado o chantagem contra Montini desde que este começou sua carreira como jovem diplomata, depois como Arcebispo de Milão e finalmente como ‘Papa’ Paulo VI”.

Mais recentemente, o autor deste dossiê pôde encontrar uma prova a mais que justifica quase definitivamente este assunto. O diário italiano *Il Giornale*, em sua edição online de 27 de janeiro de 2006, afirmou que Montini-P6 havia sido certamente vítima de ameaças de chantagem relacionadas com seus escarceios e aventuras homossexuais desde sua juventude, e que havia buscado ajuda para manejar este assunto discretamente na pessoa de seu grande amigo o Primeiro Ministro Aldo Moro, líder do Partido Democrata Cristão. Este breve artigo foi tirado da publicação italiana *L’Espresso* e se baseia nas notas confidenciais do General Giorgio Manes, Vice-Comandante dos Carabineiros, a polícia militar italiana. Daí, portanto, a admiração que P6 professava por Aldo Moro, quem desde sua posição de poder podia proteger a seu colega frente a qualquer revelação comprometedora sobre a turbulenta vida privada daquele.

VIII. A conexão satânico-homossexual de Montini

Temos aqui, pois, este sinistro personagem que era Montini, quem já desde muito jovem havia travado contatos com obscuros sujeitos como o

Visconde Tredegar, o qual era considerado pelo célebre pervertido satanista Aleister Crowley como o "pai da *Black Magick* (magia negra)". De fato, Crowley se jactava de ser o Sumo Sacerdote da OTO (*Ordo Templi Orientis*), uma ultra secreta seita maçônica à qual havia pertenecido também o Card. Rampolla, como demonstraram as investigações levadas a cabo por Monsenhor Ernest Jouin, um competente especialista em seitas maçônicas.

A OTO é um culto fálico criado no começo do século XX que pretende possuir a sabedoria oculta e mágica e o conhecimento de todas as eras, bebendo de fontes como o gnosticismo, a Cabala judaica e o misticismo oriental. Segundo Karl Kellner, um de seus fundadores, a OTO "aglutina sob um só governo todas as sociedades secretas", incluindo a "Igreja" Gnóstica, a ordem dos Illuminati, a ordem hermética da *Golden Dawn*, a Irmandade Rosacruciana e vários ritos maçônicos, incluindo os de Memphis e Mizraim.

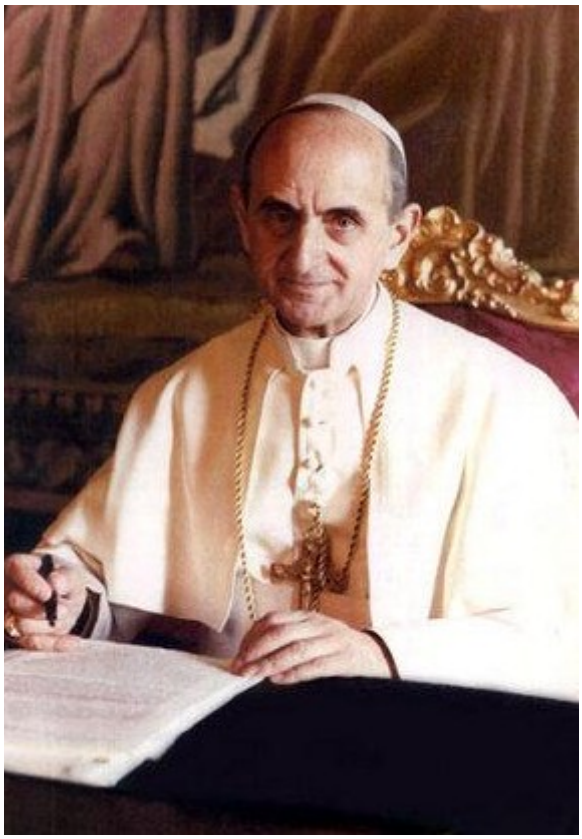
Randy Engel assinala que, de acordo com Craig Heimbichner, o décimo-primeiro grau da OTO consiste na "iniciação" à sodomia. Crowley, que se definia a si mesmo como "um Mestre da Magia e das Artes Negras e um corruptor tanto de mulheres como de homens", mantinha relações sodomitas com seus iniciados, e o Card. Rampolla muito provavelmente fazia o mesmo.

Como indica Mary Ball Martínez, "Monsenhor Jouin afirmou possuir provas irrefutáveis de que o Cardeal Rampolla não só era membro da seita maçônica, mas que era além disso Grão-Mestre da OTO, em cujo rito foi iniciado na Suíça alguns poucos anos antes do conclave de 1903. Quando os esforços de Mons. Jouin por fazer chegar urgentemente esta informação às altas instâncias do Vaticano antes do citado conclave foram intencionalmente frustrados, ele (Mons. Jouin) encontrou uma acolhida favorável por parte do Imperador Franz Josef e seus ministros da Corte Imperial, o que explica o veto austríaco contra o Card. Rampolla no conclave de 1903".

Sabemos igualmente que Montini era muito amigo do sobrinho do Card. Rampolla, com o qual visitou a Inglaterra e a Escócia em 1934 numa

viagem incomum, segundo relata Peter Hebblethwaite em *Paul VI*, e que sua ascensão na Academia dei Nobili Ecclesiastici para converter-se em diplomata foi facilitada enormemente por um dos mais fiéis aliados de Rampolla, o Cardeal Gasparri.

Além disso, como já mencionamos anteriormente, Montini estava muito apoiado por altas instâncias mundialistas, e entre seus mais implacáveis partidários encontravam-se personagens pertencentes a um misterioso grupo iniciático relacionado com figuras sinistras como H.P. Blavatsky, H.S. Olcott e Evan Tredegar, amigo e colaborador do satanista Aleister Crowley.



O Sorriso de Judas

Há também um par de notas inquietantes que põem em manifesto que este ambíguo e maquiavélico indivíduo conhecido como Montini-P6 bem poderia ter sido iniciado em alguma das lúciferinas e perversas seitas previamente mencionadas. Eis aqui o que Piers Compton relata em *The Broken Cross – The Hidden Hand in the Vatican*:

"Há uma nota mais sinistra na qual terminar este resumo da intransigência do 'Papa' Paulo.

O nome de um auto-confesso adorador do demônio, Cardonnel, é praticamente desconhecido aqui; mas em outros países seus escritos excitaram uma variedade de sentimentos variando da admiração reverente ao horror naqueles que os liam.

Como membro da Ordem Dominicana, lhe foi dada permissão para falar na Catedral de Notre-Dame de Paris em meados da Quaresma de 1968. Os ouvintes ficaram impressionados por suas expressões raivosamente anti-cristãs, por causa das quais ele foi chamado de '*le théologien de la mort de Dieu*' (o teólogo da morte de Deus). Ele se vangloriava do título, deixou sua Ordem e finalmente a Igreja, e se tornou um endurecido adorador do demônio. Num típico arroubo, ele comparou o Deus cristão a Stalin, a uma besta, e finalmente a Satanás.

O 'Papa' Paulo admirava seu trabalho; e embora ignorasse pedidos de católicos que desejavam salvaguardar sua religião, ele fez questão especial de escrever a Cardonnel, congratulando-o e enviando bons votos".

Em outras palavras, Montini-P6 admirava a obra de um adorador do diabo como Cardonnel, um tipo que ingressou nos Dominicanos e a quem durante a Quaresma de 1968 se concedeu permissão para "pregar" na Catedral de Notre-Dame de Paris e que escandalizou os ouvintes presentes por suas expressões cheias de ódio e desprezo ao Cristianismo, até tal ponto que se o conhecia como "o teólogo da morte de Deus", o que lhe agradava. Este Cardonnel abandonou a Ordem Dominicana e a Igreja Católica para converter-se num satanista pertinaz e blasfemar contra Deus. E Montini o admirava e procurava escrever-lhe para felicitá-lo e enviar-lhe bons desejos! Meu Deus, tudo isto é diabólico!

Mas isso não é tudo, pois Montini-P6 surpreendeu ainda mais a próprios e estranhos quando convidou Maurice Zundel, um herege escandaloso e descarado, que negava a presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo na Sagrada Hóstia, a "pregar" durante uns exercícios espirituais em 1972 no Vaticano ante vários bispos e cardeais. Eis aqui o que Orlando Fedeli nos narra a respeito:

“Imagine que uma pessoa ouvisse alguém dizer que crê que Cristo está tão presente na sopa quanto na hóstia consagrada na Missa.

Qualquer católico consideraria que tal pessoa, ou não crê na presença real de Jesus na hóstia consagrada, ou que é um gnóstico pancrístico, tipo Teilhard de Chardin.

De qualquer modo, quem dissesse tal frase escandalosa, seria considerado herege.

Por que razão se deveria tirar outra conclusão, se fosse um sacerdote o que dissesse tal frase escandalosa e maliciosa?

Por que se deixaria de lado a lógica, se quem afirmou tal frase, que cheira fortemente a heresia, foi um sacerdote amigo do ‘Papa’ Paulo VI?

Pois Maurice Zundel foi amigo de Monsenhor Giovanni Batista Montini – o futuro ‘Paulo VI’ – desde 1923. Foi ele quem escreveu a seguinte frase incrível na pena de um sacerdote:

‘Coloco tanta devoção ao tomar a sopa, quanto ao celebrar a Missa, porque estamos sempre à mesa do Senhor, e é de Sua mão que recebemos o alimento, símbolo de Seu amor’.

(Maurice Zundel, *Il Volto di Dio nel Quotidiano*, Ed. Messaggero, Padova, 1989, p. 112).

Em outros tempos, um sacerdote que ousasse escrever tal coisa seria imediatamente excomungado. No século XX, foi convidado a pregar um retiro ao próprio “Papa” – “Paulo VI”, que era seu amigo e admirador – e aos Cardeais da Cúria Romana, no Vaticano, em 1972!”

Isto é aterrador! Zundel havia exclamado que “Jesus se acha presente na sopa igual que na sagrada forma”. Pois bem, Montini-P6 havia sido amigo deste blasfemo herege desde a juventude. E Montini admirava a obra de semelhante indivíduo, do qual afirmou que “Zundel é um gênio e um grande místico contemporâneo”! Em Nome Santo de Deus, acaso se pode conceber maior insolência e descaramento que o que P6 mostrou?

Quem era realmente este desgraciado, este miserável chamado Montini e aclamado como “Paulo VI” por milhões de pessoas ingênuas e

ignorantes de seus criminosos propósitos para aniquilar a Santa Fé Católica e destruir a Igreja de Cristo? … Só Deus Nosso Senhor o sabe. Este monstro infernal, este falso profeta do Anticristo foi o principal causador da maior tragédia sofrida pelo gênero humano desde que Adão e Eva cometeram o primeiro pecado: refiro-me ao demoníaco e perverso "Concílio Vaticano II". Repito, o VII constitui a desgraça maior ocorrida na História da Humanidade desde o pecado original, como tentarei demonstrar em outro capítulo deste dossiê.

Portando o rational, emblema do Sumo Sacerdócio judaico, sobre seu peito

Terminemos este ponto com um último apontamento acerca das mais que prováveis e estremecedoras conexões de Montini-P6 com o satanismo. Segundo Piers Compton, em sua já citada obra, P6 começou a adotar o uso de uns estranhos símbolos:

"Ele também fez uso de um sinistro símbolo, usado pelos satanistas no século VI, que havia sido revivido na época do Vaticano Dois. Este era uma cruz torta ou quebrada sobre a qual se exibia uma repulsiva e distorcida figura de Cristo, de que os magos negros e feiticeiros da Idade Média haviam feito uso para representar o termo bíblico, 'Marca da Besta'."

No entanto, não só “Paulo VI” mas seus sucessores, os dois “João-Paulos”, carregaram aquele objeto e o levantaram para ser reverenciado por multidões que não tinham a mínima ideia de que ele representava o anti-Cristo.

Além disso, esta exibição de uma figura desidratada num pau torto era proibida pelo Cânone 1279, que condenava o uso de qualquer imagem sagrada que não estivesse de acordo com o uso aprovado pela Igreja. Que ele foi usado para fins ocultistas pode ser visto em gravuras em madeira mostradas no Museu da Bruxaria em Bayonne, França.

Outra característica inquietante da visita do “Papa” Paulo aos Estados Unidos foi sua aparição, no Yankee Stadium em Nova York, usando o Éfode, a antiga veste com peitoral de doze pedras, representando os doze filhos de Jacó, como usado por Caifás, o Sumo Sacerdote do Sinédrio, que pediu a crucificação de Cristo”.

“Como se não estivesse contente com aquela inovação bastante desnecessária, ‘Sua Santidade’ continuou a usar aquele símbolo não-cristão em outras ocasiões, incluindo a procissão da Via-Sacra em Roma em 27 de março de 1964; numa cerimônia na Praça de Espanha, Roma, em 8 de dezembro de 1964; a visita do Doutor Ramsay, Arcebispo de Canterbury, ao Vaticano em 1966; numa recepção de párocos na Capela Sistina; e em Castel Gandolfo no verão de 1970”.

A “Cruz quebrada ou dobrada” foi um distintivo representativo de Montini-P6, uma cruz horrenda que mostra uma figura repulsiva e distorcida de Cristo, uma zombaria e uma paródia blasfema contra Nosso Senhor Jesus Cristo Crucificado, um símbolo proibido usado pelos satanistas para representar o Anticristo, e que Piers Compton assegura que foi utilizado para fins ocultistas, como assim o demonstram umas talhas em madeira que podem ver-se no Museu da Bruxaria de Bayona, na França.

Passeio Triunfal pela Brodway

O “Éfode”, um antigo ornamento judaico com 12 pedras representando os 12 filhos de Jacó, assim como Caifás o usava quando crucificou Nosso Senhor Jesus Cristo, e que Montini-P6 exibiu também orgulhoso em muitas ocasiões ante o olhar atônito de milhões de almas no mundo inteiro.

Finalmente, mencionaremos um episódio a mais na horripilante trajetória deste sinistro herege sodomita e assassino de almas. Refiro-me à sua visita aos Estados Unidos e, em concreto, às Nações Unidas, essa imunda e enorme torre de Babel que rege os destinos de uma humanidade desencaminhada e pervertida. Em outubro de 1965, P6 teve a blasfema audácia de entrar na maçônica capela que há na sede da ONU. Piers Compton nos narra os fatos: ‘*Eis que teu Rei vem a ti, humildemente montado num jumento*’.

Assim escreveu São Mateus (21,5) sobre a entrada de Cristo em Jerusalém.

“Mas não foi assim que o ‘representante de Cristo’ percorreu a Broadway. O ‘Papa’ Paulo viajou num conversível Lincoln de sete passageiros, através de uma floresta de bandeiras e flâmulas, com uma escolta policial em motocicletas, e milhares de policiais a mais alinhados ao longo do caminho e contendo multidões que estavam inseguras sobre se ficar de pé, ajoelhar, ou inclinar suas cabeças na expectativa de uma bênção, e sobre se acenar ou levantar um braço em saudação; com dois

helicópteros de observação zumbindo e circulando por cima, sirenes tocando, e em quase todo edifício iluminação fluorescente que desnecessariamente competia com a luz do dia, e o Edifício da Praça das Nações Unidas soletrando ‘bem-vindo, “Papa” Paulo VI’.”

Isto se seguiu a uma pergunta que o Cardeal Vagnozzi, o Delegado Apostólico em Nova York, fez ao “Papa” Paulo. Qual seria o próximo objetivo de sua visita?

A Sala de Meditação no edifício das Nações Unidas, disse-lhe Paulo.

O Cardeal ficou surpreso, chocado. Ele tinha boas razões para afirmar que o “Santo Padre” não poderia ir ali.

Mas ele foi.

A sala, com duas outras de seu tipo, uma em Wainwright House, Stuyvesant Avenue, Rye, Nova York, e a outra no Capitólio dos Estados Unidos, representava o estágio inicial de um esquema cujo cumprimento seria marcado (em forma concreta) pela ereção do que era chamado de Templo da Compreensão, em cinquenta acres de terra ao longo das margens do Potomac em Washington, D.C.

Era parte de um desenho para formar um corpo mundial inter-religioso por parte de uma certa Sra. Judith Dickerman Hollister, que revelou um viés anti-tradicional, pró-misterioso ao tornar-se uma xintoísta. Como tal, ela acreditava no mito japonês de que dois pais divinos universais desceram sobre uma ilha que era feita de gotas de sal. Ali a Deusa-mãe deu à luz outras ilhas, com montanhas e rios, e finalmente a toda uma galáxia de Deuses. Após essa proeza espantosa, a senhora se retirou de seu lar cercado pelo mar e não foi mais vista.

Assim armada com um ar de mistério, uma sugestão de iluminação interior, e uma atitude excêntrica, a Sra. Hollister encontrou uma apoiadora entusiasta na esposa do Presidente, Eleanor Roosevelt, a quem alguns de seus íntimos consideravam como estando algo abaixo do mentalmente normal.

Disso só precisava de um passo para assegurar o apoio do Governo dos Estados Unidos, enquanto John D. Rockefeller, e vários de seus associados na frente comunista que ele fundou, contribuíram para o que era chamado de Nações Unidas Espirituais. Outro milionário pró-comunista, Marshall Field, que já foi notado como patrono do anarquista Saul David Alinsky, ajudou a pagar pela decoração da sala. A Fundação Ford também deu incentivo financeiro.

Um boletim cuidadosamente editado, que supostamente lidava com o significado e propósito da sala, foi produzido pela Lucis Press, que publica material impresso para as Nações Unidas.

Os desconfiados podem encontrar matéria para reflexão no fato de que esta editora, quando começou no início deste século, era conhecida como a Lucifer Press. Ela agora funciona em 3 Whitehall Court, Londres, S.W.1.

Aquele título poderia muito bem ter sido mantido ao lidar com a criação da Sra. Hollister, pois a sala (e isso explica o choque sentido pelo Cardeal Vagnozzi) era um centro dos Illuminati, entregue ao culto do Olho que tudo vê que, sob um sistema de alegorias e segredos velados, como traduzido pelos Mestres da Sabedoria, era dedicado ao serviço de cultos pagãos; e a obliteração do cristão em favor de crenças humanistas".

"Duas portas, cada uma com painéis de vidro colorido, levam à sala. Um guarda fica do lado de fora, e outro é posicionado logo dentro da porta. O entrante encontra semi-escuridão e um silêncio no qual os passos são absorvidos por um grosso tapete azul no chão. Uma passagem interna arqueada, ainda dominada por uma sensação de quietude noturna, abre-se para um espaço de uns nove metros de comprimento, em forma de cunha, sem janelas, e com uma luz amarela solitária, aparentemente projetada de lugar nenhum, brilhando na superfície de um altar que fica no centro, um bloco de minério de ferro cristalino à altura da cintura que se sabe pesar entre seis e sete toneladas.

Tapetes azuis estão espalhados pelo chão, que em outras partes é pavimentado com pedaços de ardósia azul-cinza. No extremo oposto da

sala, onde a penumbra se funde em sombra total, há uma grade baixa além da qual só os privilegiados têm permissão de passar.

O mural, com mais de dois metros e meio de altura e uns sessenta centímetros a menos de largura, é iluminado por uma luz dirigida do alto. Emoldurado num painel de aço, ele parece um aglomerado aparentemente sem sentido de desenhos geométricos azuis, cinzas, brancos, marrons e amarelos. Mas para aqueles versados em entendimento esotérico, os crescentes e triângulos apresentam uma forma definida que toma forma, no centro e no círculo externo do mural, como o Olho dos Illuminati".

"A atenção principal, no entanto, não está focada no mural, mas no altar, que é dedicado ao 'sem rosto', e do qual um ar de mistério iminente, prevalecente na sala, parece irradiar. E à medida que os sentidos respondem, percebe-se que outras luzes sombreadas, ocultas num teto suspenso que corresponde ao tamanho da sala, acrescentam à impressão sombria transmitida pelo feixe do altar.

O 'Papa' Paulo, ao final de sua missão, recebeu uma maquete do então prospectivo Templo da Compreensão. Os Mestres estenderam uma recepção similar ao Cardeal Suenens, que mais tarde visitou a Sala de Meditação; e em troca, representantes do Templo foram recebidos no Vaticano.

O propósito subjacente do Templo foi claramente revelado por seu plano, com o Olho que tudo vê, facetado como um diamante na cúpula central do edifício, refletindo os raios do sol através de alas que representavam seis religiões mundiais – Budismo, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo, Confucionismo e Cristianismo".

O “irmão” Montini “pregando” nas Nações Unidas a mensagem de “liberdade, igualdade e fraternidade”

Se Nosso Senhor Jesus Cristo, o Rei dos Reis, o Senhor do Céu e da Terra entrou em Jerusalém humildemente sentado sobre um manso jumentinho, Montini-P6 entrou em Nova York confortavelmente instalado num imponente Lincoln conversível com capacidade para 7 pessoas, escoltado zelosamente por policiais motorizados e a cavalo e com helicópteros sobrevoando a cena. O cardeal Vagnozzi, delegado apostólico em Nova York, deve ter ficado sobrecarregado e espantado quando, após perguntar a P6 qual ia ser o próximo destino de sua visita, este respondeu com premeditação e calculado entusiasmo:

“Vamos à Sala da Meditação no edifício das Nações Unidas”.

E a dita sala foi Montini-P6! Ao centro do inferno na terra, à sinagoga de Satanás, desde onde os Illuminati e os poderes sombrios deste mundo exercem seu tirânico domínio sobre os desgraciados habitantes da terra, ali dentro esteve “rezando” Montini!

Sala de Meditação nas Nações Unidas.

Simplesmente, a gente encontra difícil poder expressar com palavras a indignação que se sente ao ver como este maldito intruso, este impostor que nunca deveria ter chegado aonde chegou, foi capaz de semear tanta cizânia e destruição em tão curto espaço de tempo no seio de Nossa Santa Mãe a Igreja. Nenhum heresiarca, nenhum falso profeta, nenhum inimigo de Deus fez tanto dano ao Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo como G.B. Montini, alias “Paulo VI”. A ele se pode aplicar com toda justiça o abominável e pérfido título de ASSASSINO DE ALMAS.

A seguir, tratarei de esclarecer as obscuras conexões que Montini travou em sua etapa como Arcebispo de Milão com os poderes ocultos deste mundo, como a maçonaria e a máfia, seus dois grandes aliados para financiar o monstruoso engendro que estava a ponto de nascer durante “seu” concílio, o nefasto VII, e que hoje em dia eclipsa Nossa Santa Mãe a Igreja. A “nova igreja montiniana” ou “seita conciliar” só poderia ter o selo distintivo de seu pai e criador, G.B. Montini, e portanto não nos surpreende já em absoluto que esta maldita seita cheire mal e esteja cheia de iniquidade e corrupção.

ADDENDUM – MONUMENTOS MAÇÔNICOS E SATÂNICOS DEDICADOS A P6

Esta seção não estava originalmente concebida para ser incluída neste dossiê, mas dada a tremenda gravidade das imagens que vou expor a seguir, considero necessário acrescentá-la logo atrás da nota que faz referência à conexão satânica de Montini-P6.

Eis aqui uma série de esculturas escabrosas e de muito mau gosto, com uma forte inspiração maçônica e satânica, dedicadas ao intruso Montini, e realizadas a maioria delas pelo artista italiano Floriano Bodini, quem foi escolhido pessoalmente por P6 para ser algo assim como seu "escultor oficial". Tem sido graças ao Padre Dom Luigi Villa, diretor de "Chiesa Viva", que pude descobrir estas imagens e que agora gostaria de compartilhar com vocês.

Observem bem estas sinistras fotos e tirem suas conclusões a respeito.

A "Porta de Bronze" da Basílica de São Pedro, o painel nº 12 é conhecido como a "Porta do bem e do mal", e está dedicado ao "Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)". Podem-se ver claramente 4 "padres conciliares" entre Roncalli-J23 e Montini-P6. Todos estes infames traidores foram esculpidos de frente, menos P6 que está situado de perfil e ajoelhado. E isto, por quê?... O Padre Villa o explica muito bem e esta foto o esclarece ainda mais:

P6 foi esculpido de perfil para que se pudesse ver bem claramente a estrela de 5 pontas maçônica esculpida sobre sua mão esquerda, a Pentalfa maçônica.

"Pouco depois da inauguração desta porta de bronze na Basílica de São Pedro, fui vê-la pessoalmente. Ao observá-la atentamente, fixei-me imediatamente no emblema maçônico no verso da mão esquerda de P6. Então me apressei a informar disso a um cardeal, quem me assegurou que se ocuparia do assunto sem demora. De fato, quando regressei a Roma para comprovar essa porta de bronze, dei-me conta logo que o emblema maçônico sobre a mão de P6 havia sido eliminado: só se podia ver a cor avermelhada do cobre. Tudo resultava claro! Ao terem sido descobertos, os responsáveis por dita 'obra' asseguraram-se de que tal símbolo maçônico fosse eliminado para evitar mais controvérsias". Dom Luigi Villa, *Il Vittorioso "Avvocato del diavolo"*

Veja agora estas horripilantes esculturas que Floriano Bodini realizou expressamente para Montini-P6:

Meu Deus! Que horror de imagem! Veja bem nas estranhas mãos de Montini, com uns dedos incrivelmente longos que parecem ameaçar uma pomba que tenta afastar-se dele voando. Seria talvez o Espírito Santo, que se retirava deste falso profeta do anticristo, pois bem sabia Deus que P6 ia estrangular e destruir os canais ordinários da Graça, os sacramentos? É realmente estarrecedor.

Outra escultura inquietante.

Que pavor de escultura! Montini aparece aqui junto a uns meninos mutilados, sem extremidades. Verdadeiramente obscura e sinistra.

Que vergonhosa e repugnante imagem! Onde está a Cruz de Nosso Senhor? E esse Cristo desfigurado é totalmente irreconhecível. Veja em quem está assistindo à Crucifixão de Nosso Senhor: justo diante dEle estão Roncalli-J23 e Montini-P6, o qual dirige um olhar desafiador a Nosso Senhor, quem por sua vez o increpa duramente desde a “cruz”. Esta imagem dá muito que pensar. Poderia muito bem representar a estes traidores – J23 e especialmente P6 – que traíram e crucificaram Nosso

Senhor. É certamente aterradora a mirada e o grito de dor e reprovação que Nosso Senhor dirige a Montini.

Citação:

All’opera di Don Luigi, diretta a evidenziare la autentica devozione del Montini per la massoneria, si è affiancata anche quella di un ingegnere bresciano, Franco Adessa (Editrice Civiltà, Brescia, Via Galileo Galilei, 121), il quale ha pubblicato un libro, “A Paolo VI, un monumento massonico”, in elegante veste editoriale e corredato da numerose fotografie e da disegni tecnici appositamente studiati per meglio illustrare la pubblicazione. L’autore si occupa di un monumento in bronzo, collocato sul Sacro Monte di Varese, dedicato a Paolo VI dallo scultore Floriano Bodini, che a suo tempo suscitò non poche polemiche. Adessa, con dettagliata e minuziosa analisi del complesso dell’opera e dei suoi particolari, dimostra, traendone le dovute conclusioni, che il monumento, sebbene apparentemente dedicato al Papa Paolo VI, serve ad esaltare la massoneria e, con essa, il massone Paolo VI. Tutta la struttura dell’opera, compreso il basamento, è permeata dalle immagini e dal simbolismo massonico, compresa una pecora a cinque zampe, mentre immagini e simbolismi cattolici sono quasi ignorati e passano inosservati. E dunque, si finisce col notare ed onorare, nel monumento, non un Papa che esalta i

principi, le regole, il rituale, le ispirazioni della liturgia cattolica, della quale dovrebbe essere il principe e il sostenitore, bensì quelli della massoneria, cioè di una setta ben lontana da ciò che un Papa ha il dovere di esaltare. Non si dimentichi, peraltro, che l'inaugurazione del monumento avvenne il 24 maggio 1986, alla presenza dell'allora ministro degli esteri Giulio Andreotti, e del segretario di Stato del Vaticano, Cardinale Agostino Casaroli, che benedisse l'opera. Ispiratore di questa era stato monsignor Pasquale Macchi, segretario di Paolo VI e arciprete del Sacro Monte. Com'è noto, Andreotti, Macchi e Casaroli appartenevano alla massoneria, come Adessa dimostra nel suo libro con ineccepibile documentazione.

Citação:

À obra de Dom Luigi, voltada a evidenciar a autêntica devoção de Montini à maçonaria, somou-se também a de um engenheiro de Brescia, Franco Adessa (Editrice Civiltà, Brescia, Via Galileo Galilei, 121), que publicou um livro, "A Paulo VI, um monumento maçônico", em elegante apresentação editorial e acompanhado de numerosas fotografias e de desenhos técnicos especialmente elaborados para melhor ilustrar a publicação. O autor trata de um monumento em bronze, colocado no Sacro Monte de Varese, dedicado a Paulo VI pelo escultor Floriano Bodini, que, à época, suscitou não poucas polêmicas. Adessa, com análise detalhada e minuciosa do conjunto da obra e de seus pormenores, demonstra, extraindo as devidas conclusões, que o monumento, embora aparentemente dedicado ao Papa Paulo VI, serve para exaltar a maçonaria e, com ela, o maçom Paulo VI. Toda a estrutura da obra, inclusive o pedestal, é permeada por imagens e pelo simbolismo maçônico, incluindo uma ovelha de cinco patas, enquanto imagens e simbolismos católicos são quase ignorados e passam despercebidos. Assim, acaba-se por notar e honrar, no monumento, não um Papa que exalta os princípios, as regras, o ritual e as inspirações da liturgia católica, da qual deveria ser o príncipe e o sustentador, mas sim os da maçonaria, isto é, de uma seita bem distante daquilo que um Papa tem o dever de exaltar. Não se deve esquecer, ademais, que a inauguração do monumento ocorreu em 24 de maio de 1986, na presença do então

ministro das Relações Exteriores Giulio Andreotti e do secretário de Estado do Vaticano, cardeal Agostino Casaroli, que abençoou a obra. O inspirador disso teria sido monsenhor Pasquale Macchi, secretário de Paulo VI e arcipreste do Sacro Monte. Como é sabido, Andreotti, Macchi e Casaroli pertenciam à maçonaria, como Adessa demonstra em seu livro com documentação irrefutável.

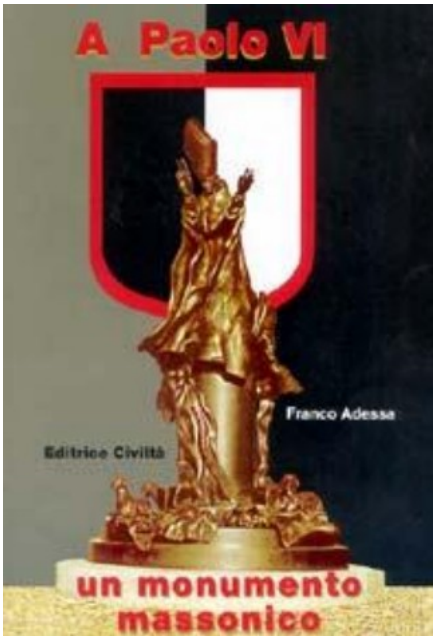
Duas imagens da tumba maçônica da (((mãe))) de Montini, que segundo Dom Villa:

Citation:

Perfino la famiglia materna del Papa, la famiglia Alghisi di Verolavecchia, non era immune dal culto dissacrante della massoneria. Nel cimitero di tale cittadina, infatti, dove sono sepolti alcuni membri della citata famiglia, è dato rilevare, sui monumenti funebri, la simbologia massonica.

Citação:

Inclusive a família materna do “Papa”, a família Alghisi de Verolavecchia, não era imune ao culto irreverente da maçonaria. No cemitério dessa cidade, com efeito, onde estão enterrados alguns membros dessa família, observa-se, nos monumentos funerários, o simbolismo maçônico.



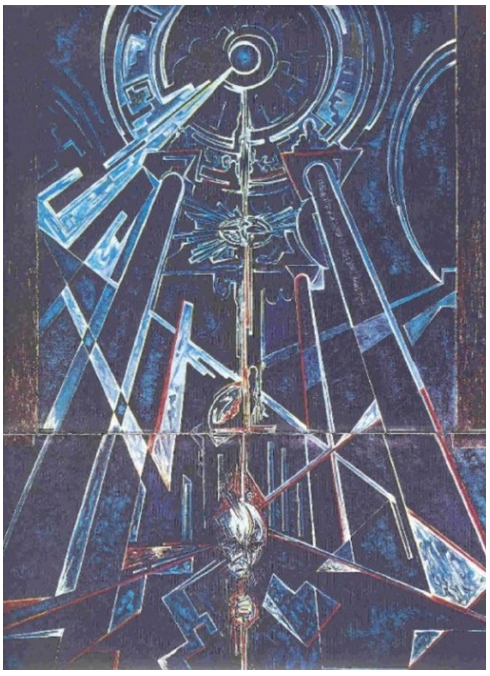
Um dos estranhos cordeiros de 5 patas que estão debaixo da estátua de P6.

Franco Adessa afirma que: “A medida do raio da base da estátua é de 1998 mm, o que equivale a três vezes o número 666, que é três vezes o símbolo do Anticristo e logo a anti-Trindade.”

Esta nojenta escultura de Bodini chama-se “Bispos”, e um deles está claramente fazendo um símbolo satânico com sua mão esquerda. Aterrador.

Que pavoroso desenho! Os cordeiros de 5 patas, a caveira, as tenebrosas mãos de Montini, toda a simbologia é certamente satânica.

A espantosa Sala Paulo VI no Vaticano, com um estranho Cristo ressuscitado de uma cratera provocada por uma explosão nuclear, segundo palavras do desenhista de semelhante horror.



Em abril de 1977, a *Smithsonian Magazine* publicou este quadro, intitulado “Um retrato não convencional de Paulo VI é aceito pelo Vaticano.”

Citação:

Smithsonian Magazine, abril de 1977, páginas 60–61: “Esses grandes patronos das artes, os papas do Renascimento, geralmente encomendavam aos artistas a seu serviço — Rafael, Ticiano, Velázquez — que pintassem seus retratos. O resultado foram algumas das maiores pinturas já produzidas.”

“Desde então, essa prática entrou em declínio (assim como a própria arte do retrato). Por isso, causou certa surpresa que o mundo soubesse, no outono passado, que havia sido pintado um retrato do Papa Paulo VI, ainda que ele não o tivesse encomendado nem, diga-se de passagem, posado para ele. Além disso, tratava-se de um estilo semiabstrato, diferente de qualquer retrato papal anterior.”

“O artista era um alemão de 42 anos chamado Ernst Gunter Hansing. O Papa Paulo VI não reagiu, a princípio, com grande entusiasmo à ideia de ter seu retrato pintado, mas acabou cedendo. Hansing recebeu um pequeno estúdio no edifício que abriga o posto de gasolina do Vaticano e, ao longo dos dois anos e meio seguintes, durante 13 visitas distintas a Roma, observou seu modelo da primeira fila nas audiências papais.”

“O retrato finalizado foi aceito pelo Papa. Sua Santidade descreveu a pintura como ‘um espelho da situação da Igreja hoje’. Anteriormente, ao ver um esboço de trabalho, fez o que provavelmente foi sua abordagem mais próxima de uma crítica de arte. Foi graciosamente oblíquo: ‘Quase é preciso uma nova filosofia para captar o significado disso em seu contexto.’”

Eis aqui todos os símbolos maçônicos detectados por Craig Heimbichner neste inquietante e sinistro retrato de P6:

Citação:

> I. Três pilares II. Duas colunas. III. Crescente lunar IV. Vários Pentagramas V. A Esfinge na parte superior do pilar VI. As colunas e os ângulos se combinam para formar um esquadro e um compasso VII. O ponto dentro do círculo na parte superior é um antigo símbolo Illuminati VIII. Por cima de Paulo VI a cabeça de um resumo “olho

no triângulo”, i.e., o Olho de Hórus ou Set IX. Uma adaga é cravada na diadema papal no 30º Grau Cavaleiro Kadosh; aqui o Papa agarra uma adaga com um olhar malévolo. X. As cruzes invertidas são satânicas, mas também o é a Franco-maçonaria

Até aqui este “addendum” referente às mais estapafúrdias e espeluznantes mostras artísticas dedicadas ao grande impostor do século XX, G.B. Montini, talvez o personagem mais sinistro e maquiavélico que tenha pisado a face da terra.

PARCE NOBIS, DOMINE

“Mas, quando o Filho do Homem voltar, encontrará fé na terra?” (S. Lucas XVIII,8)

“A Igreja neojudaica não é, repito, a Santa Igreja Romana *ex gentibus*. **A partir de João XXIII, os que usurpam a Sé Apostólica não são Vigários de Cristo, mas do judaísmo e dos demais inimigos da Igreja**”. *— Federico Rivanera Carles, La judaización del Cristianismo, Vol. II, p. 668.*